



Ações
Socioassistenciais
da Fundação Gorceix
em revista

2º Semestre de 2021



Fundação **GORCEIX**



Maior
acessibilidade:
Conteúdo
disponível por vídeo
ou audiodescrição.



Cia: 15 anos abraçando a sociedade com afeto, arte e educação.





O mês de abril de 1960 foi incrível: **Elvis Presley** estava no topo das paradas, o filme **Ben-Hur** ganhava 11 Oscars, o primeiro satélite para previsão do tempo foi lançado ao espaço. No mesmo momento em que a **Bélgica** e o **Irã** sofriam com fortes terremotos, a **França** realizava três novos testes nucleares, enquanto sua colônia senegalesa declarava independência. No **Brasil**, **Celly Campello** fazia sucesso com a música **BANHO DE LUA** e **João Gilberto** fazia história lançando o seu segundo long-play: **O AMOR, O SORRISO E A FLOR**. As imagens de TV chegavam às cidades de **São Paulo**, **Rio de Janeiro** e **Belo Horizonte**, e **Chico Anysio** estreava seu programa de humor, sendo um dos primeiros artistas a usar o videotape no país. **Juscelino Kubitschek** inaugurou **Brasília** no dia 21 de abril, apenas três dias depois de ter participado da inauguração de uma das mais importantes fundações de apoio ao ensino do país. Fruto da visão do engenheiro **Amaro Lanari** e do também engenheiro e professor **Salathiel Torres**, que idealizaram uma instituição que pudesse amparar os **alunos carentes** da **Escola de Minas de Ouro Preto**, a **Fundação Gorceix** nasceu no dia **18 de abril de 1960**, como uma entidade jurídica de **direito privado, sem fins lucrativos** e de **utilidade pública**. Suas atividades estavam focadas em **pesquisa científica** e **tecnológica, assistência social, educação, cultura** e **incentivo ao desenvolvimento industrial brasileiro**, priorizando a participação de alunos e professores da **Escola de Minas**, então ligada à **Universidade do Rio de Janeiro**, em seus projetos. Passados **60 anos** da sua criação, a **Gorceix** está estabelecida de forma efetiva rumo ao amanhã. A instituição continua a trabalhar com afinco para honrar o conhecimento científico e o humanismo do seu patrono, cumprindo rigorosamente seu compromisso de atender aos **alunos carentes** da **Escola de Minas da UFOP** e à **comunidade de Ouro Preto**, além de promover o desenvolvimento do setor minerometalúrgico. Tudo isso com o olhar no futuro, mas sem se esquecer de suas raízes e dos valores éticos de seus fundadores. Nascida de um ideal e conduzida pelos sonhos e pelo altruísmo de muitos, a **Fundação Gorceix** se transforma a cada dia, estendendo suas aspirações e ampliando sua missão, sem se afastar do seu compromisso com a sociedade. Compromisso que se revela no nobre trabalho de **assistência social** e no forte apoio à **ciência**, à **tecnologia** e à **educação**, investindo naquele que sempre foi o seu maior patrimônio: o **aluno carente** da **Escola de Minas**.





7
Editorial por Cristovam Paes de Oliveira

9
A palavra da superintendência da Gorceix

11
A despedida da coordenadora do Cia na Gorceix

40
O palhaço de hospital e o poder do encontro

44
Violão para todos

46
Musicalização, crianças e comunidade

14
Pensar diferente, fazer a diferença

16
Há braços que abraçam

17
Cia, essa palavra...

50
A importância do protagonismo artístico nas instituições

54
O papel da mediadora através da arte

60
Práticas na comunidade da Figueira

18
A Figueira e o Cia

22
O Cia e o Lar

24
Cia - Apae de Ouro Preto

64
Fluxos do tempo

66
Músicas do Cia

69
Glossário da Gente

25
Uma parceria pela vida

26
O que o Cia da Gente tem para contar?

30
O Cia chegou badalando a diferença

76
Ações socioassistenciais da FG em 2019

84
Ações socioassistenciais da FG em 2020

32
Os indivíduos da APAE-OP para além das suas deficiências

36
O caminhar artístico na APAE de Ouro Preto



Sumário



Cristovam Paes de Oliveira
Presidente executivo da Fundação Gorceix

Amaro Lanari nasceu argentino, viveu e morreu apaixonado por Minas, pelo Brasil e pelos brasileiros, em especial pelos estudantes desamparados de Ouro Preto.

O idealizador e principal incentivador da Fundação Gorceix e, ainda, seu presidente de honra, viveu uma vida pautada pelos interesses do desenvolvimento da nossa nação.

Filho de Cássio Umberto e Maria Coleta, Amaro Lanari passou parte da infância em Pedro Leopoldo e iniciou seus primeiros estudos no Colégio Dom Bosco, em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto, próximo à Usina Esperança, onde hoje é Itabirito. Posteriormente, ingressou no Colégio Mineiro e, mais tarde, na Escola de Minas, ambos em Ouro Preto, onde se graduou em Engenharia em 1909. Foi funcionário público por três anos, deixando o cargo para ser empreiteiro no setor ferroviário. Até que, em 1917, fundou a Companhia Siderúrgica Mineira, que viria a se tornar a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, atual ArcelorMittal.

Em 1945, fundou, com os seus filhos, a siderúrgica Lanari S.A., em Paracambi, no estado do Rio de Janeiro, com atividades em Minas Gerais e São Paulo. Candidatou-se ao Senado por Minas Gerais em 1950. Em 1957, o mais velho dos seus 12 filhos, Amaro Lanari Jr., foi convidado pelo então presidente Juscelino Kubitschek para assumir a presidência da Acesita. No ano seguinte, Lanari Jr. assumiu a presidência da Usiminas, em Ipatinga, empresa da qual foi um dos responsáveis pela implantação e seu presidente por 18 anos.

Se estivesse vivo, Amaro Lanari poderia constatar, hoje, com admiração e orgulho, que a semente que ele plantou não só germinou, como também cresceu e está frondosa. A Fundação Gorceix vem cumprindo, rigorosamente, com zelo e dedicação, suas finalidades estatutárias. Da mesma forma, vem gerando conhecimento e transferindo-o ao setor minerometalúrgico por meio de projetos de pesquisa científica e tecnológica, em parceria com as principais empresas brasileiras do setor. A realização de tais projetos tem objetivos que vão desde a captação de recursos para o integral cumprimento de sua missão até a geração de conhecimento que contribua para a constante complementação da formação dos alunos da universidade

– com foco na Escola de Minas. Tudo isso favorece a inserção no mercado de trabalho de forma mais competitiva.

Relembrar a trajetória de Amaro Lanari é fundamental. Sem ele, a Fundação Gorceix não existiria nos moldes que existe hoje. Os alunos carentes da Escola de Minas não teriam oportunidade de estudo, nem a comunidade em situação de vulnerabilidade social de Ouro Preto e região estaria sendo assistida por uma instituição que cumpre a sua finalidade maior, que é a Assistência Social de forma rigorosa e inquestionável.

A história do polivalente e competente Amaro Lanari está relacionada à história do desenvolvimento econômico de Minas Gerais. E é preciso ressaltar o papel da Escola de Minas de Ouro Preto na sua vida e na de seus familiares. A família Lanari soube reconhecer a importância da Escola de Gorceix e se empenhou para prestigiar e modernizar a instituição, de modo que continuasse a formar pessoas comprometidas com o desenvolvimento do estado e do país. Foi pensando nisso que Amaro Lanari, no dia 12 de outubro de 1959, no 83º aniversário da Escola de Minas, em seu discurso pela Associação dos Antigos Alunos, lançou a semente da Fundação Gorceix:

“É sagrado e intocável o que existe em Ouro Preto de recordação do seu passado glorioso de metrópole dos mineiros, dos tempos de Gorceix e seus primeiros sucessores, sem que isso signifique que a cidade, reservado o monumento nacional, não possa crescer e abrigar, condignamente, os mestres e estudantes de Minas. O que venho sugerir, porém, é de outro estilo. É como se fora uma fração de cidade universitária, criada e mantida por uma fundação – a Fundação Gorceix.”

Palavras que muito nos orgulham e que nos mostram que os verdadeiros homens de bem sempre pensam no futuro da Nação.





Reinaldo Otávio Alves de Brito Pinheiro
Superintendente da
Fundação Gorceix

Promover a assistência social aos alunos carentes da Escola de Minas, extensiva a Ouro Preto e região, bem como desenvolver e transferir conhecimento científico e tecnológico, por meio da formação, da educação e da cultura de seus beneficiários.

A Fundação Gorceix tem certeza de que cumprir com determinação suas atividades estatutárias é sua verdadeira missão. Em toda sua existência, vem concedendo atendimento às necessidades básicas dos alunos carentes da Escola de Minas, propiciando-lhes melhores condições para que possam se dedicar com mais afinco aos estudos e desenvolver o intelecto e o raciocínio crítico. Além disso, a Fundação vem executando diversas e importantes ações na área social, algumas delas em parceria com outras instituições filantrópicas e com a Universidade Federal de Ouro Preto.

Tais ações visam atender pessoas carentes – com deficiência, crianças, idosos e tantas outras em situação de vulnerabilidade social – por meio de programas de atendimento à saúde e de inclusão social. O objetivo é oferecer melhor qualidade de vida e uma existência mais digna a essas pessoas e seus familiares.

A Fundação Gorceix se orgulha de ser uma instituição de referência na área social, que objetiva promover uma sociedade mais justa, agindo sempre com ética profissional e respeito aos valores morais. Para chegar a esse último bem maior, um dos projetos que a Fundação Gorceix desenvolve é o “Cia da Gente”, que, ao completar 16 anos de existência, merece uma grande comemoração, a exemplo desta publicação. E é de gente que trata esse projeto. Gente que vive à margem da sociedade. Gente que precisa de ajuda. Gente que precisa e merece ser incluída na sociedade. Enfim, gente que precisa da gente. E é tudo isso que o Cia da Gente abraça.

Desta maneira, a Fundação Gorceix vem, em seus 61 anos de existência, promovendo e transferindo conhecimento, atuando fortemente em ações sociais, assistindo aqueles que precisam – principalmente os nossos

alunos carentes da Escola de Minas – e ampliando esse conjunto ao próximo, por meio de projetos assistenciais, assim como vem fazendo o Cia da Gente.

Nessa caminhada, o referido projeto – hoje sob a perseverante e competente coordenação de Marco Flávio Alvarenga e Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, professores, respectivamente, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura e do Departamento de Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP –, nos ajuda a fazer o bem. Em seus tantos caminhares, espalha ações culturais por meio das artes cênicas, da música e de outras formas artísticas e pedagógicas, objetivando a ampliação da inclusão cultural e social. Ações realizadas em diversas instituições de Ouro Preto: APAE; Pastoral da Criança e da Juventude; Lar São Vicente de Paulo; Santa Casa de Misericórdia; Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi); Centro de Atendimento Dom Luciano da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. E que hoje alcança também a Comunidade da Figueira, em Mariana.

Diante de tantas necessidades, a Gorceix tenta entender a realidade de cada cidadão para aliviar sua dor e incluí-lo na sociedade. Este é nosso objetivo, esta é nossa meta: amparar o ser humano em situação de vulnerabilidade social.

Nas páginas seguintes, o leitor terá informações sobre a origem e a aplicação dos recursos financeiros da Fundação Gorceix em atividades de assistência social. Mas já destacamos que, em 2019 e 2020, os recursos aplicados foram da ordem de R\$10.553.864,00.





Dra. Telma Ribeiro de Queiroz
Coordenadora do
Cia da Gente na
Fundação Gorceix

Momento de renovação na coordenação das ações sociais da Fundação Gorceix

Em 2020, comemoramos 15 anos de existência do projeto CIA DA GENTE. Um projeto sonhado, que começou timidamente como uma semente plantada, com o objetivo de ampliar a assistência social da Gorceix a toda a comunidade de Ouro Preto. A princípio, contamos com a participação de alguns alunos bolsistas dos cursos de Artes Cênicas e Música. Depois, pudemos constatar com alegria que o projeto tomou vulto, floresceu e arremontou colaboradores e voluntários, consolidando-se de forma efetiva como parte dos trabalhos assistenciais da Fundação Gorceix. Desde 2005, o projeto vem realizando suas atividades de maneira interativa com a sociedade ouro-pretana.

Essa jornada tem sido gratificante e surpreendente. A cada dia, uma nova surpresa; a cada ano, um novo desafio.

Desde o início, sabíamos que o potencial deste projeto era enorme. Mas estávamos cientes de que não seria fácil, já que novas proposições e ideias se concretizam mediante tropeços, dificuldades e muita luta contra o antagonismo de visões radicais e conservadoras. Contudo, tivemos o apoio fundamental da Promotoria de Tutela das Fundações e do então Centro de Apoio e Orientação ao Terceiro Setor do Ministério Público (CAOTS).

No começo, atendíamos a quatro instituições: APAE, Santa Casa, Lar São Vicente de Paulo e Pastoral do Menor e do Adolescente. Com o passar dos anos, estendemos o atendimento ao CAPSi. E, a partir de 2017, ao Centro de Atendimento Dom Luciano (CADOM), parceria assistencial que nos deu uma enorme satisfação, pois gerou frutos ousados e consistentes.

Naquele ano, observando o desempenho das crianças nas atividades do grupo denominado Terço das Crianças, nos atrevemos a pensar na criação de um coral infantil que pudesse participar dos eventos da Igreja de Lourdes, na Paróquia de Cristo Rei, em Ouro Preto. Nosso pensamento era despertar naquelas crianças não apenas o gosto pela música, mas, por meio dela, promover a socialização dessas crianças. Assim, elas poderiam desfrutar momentos agradáveis e, de certa forma, com a

recreação, crescer, criar hábitos saudáveis, adotar a disciplina, sonhar e ter uma vida de protagonismo na própria comunidade. A princípio, nossos ensaios, sem nenhuma técnica, revelou o potencial daquelas crianças.



Lembro-me perfeitamente do dia em que, com algum receio, pedi ao professor Marco Flávio Alvarenga, do Departamento de Artes Cênicas/Música da UFOP, para que assistisse à nossa primeira apresentação e, caso considerasse viável, assumisse a coordenação técnica do coral, visto que não contávamos com pessoas habilitadas para levar adiante aquela iniciativa. Éramos apenas quatro voluntários, sem formação musical, mas com um sonho comum: o de que nossos cantores mirins pudessem um dia formar um coral. Emocionada, ouvi o professor dizer que ia considerar. Naquele dia, ele aceitou mais um desafio e, com maestria, contribuiu para enriquecer o projeto e fazê-lo crescer ainda mais. Assim, com a participação de alunos bolsistas da Gorceix, tornou-se possível mais um sonho. Sonho que hoje encanta a todos os que assistem às suas apresentações.

Além disso, com dinamismo e entusiasmo, o professor criou o curso de violão, denominado “Violão para Todos”, também ministrado semanalmente naquele local. Por tudo isso, ao professor Marco Flávio e a seus bolsistas, eu agradeço e peço: não desistam, mesmo com todas as pedras que encontrarem pelo caminho. Vocês, mais do que ninguém, sabem fazer com elas música e poesia.

Hoje, me desligo deste projeto, do qual tanto me orgulho de ter iniciado. Entretanto, tenham certeza: onde eu estiver, vocês estarão lá, em meus pensamentos e em meu coração. Foi uma honra ter contribuído para este trabalho. Espero que ele se mantenha firme em seu propósito; que seja ETERNO. Obrigada a todos, mais uma vez, especialmente aos bolsistas que participaram do projeto, cada um a seu modo, criando novas emoções e deixando o seu legado.





É no palco da **Inconfidência Mineira** que os alunos universitários carentes têm mais oportunidades e a população vulnerável da região percebe uma chance de melhor qualidade de vida. A **Fundação Gorceix** proporciona aos **alunos carentes da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)** e à **população vulnerável de Ouro Preto e região** apoio e assistência social ao cumprir suas finalidades estatutárias, desde sua criação em **18 de abril de 1960**. Para cumprir o papel a que foi destinada, a **Fundação Gorceix** implantou e executa **programas de atendimento e assistência continuada e programas de complementação profissional**, todos realizados pelo **Departamento de Treinamento Acadêmico e Profissional (DETAP-FG)** e voltados exclusivamente aos alunos carentes da **Escola de Minas da UFOP**. **Programas de extensão, pesquisa, educação, cultura, patrimônio e cidadania** também são contemplados e dirigidos à comunidade ouro-pretana. Por fim, são desenvolvidas **ações sociais** – como o **Programa Socioassistencial de Assessoramento** – que contam com o apoio do **Cia da Gente**, projeto que completou 15 anos em 2020.

Assim, ao contemplar em seus programas os alunos carentes da **Escola de Minas da UFOP** e a comunidade vulnerável de **Ouro Preto e região**, a **Fundação Gorceix** expande, para além dos valores dos seus fundadores, as **ideias universais defendidas pelos inconfidentes**, tornando-se um exemplo de filantropia para o todo o mundo.



Fundação **GORCEIX**



**Prof. Marco Flávio
Alvarenga**
Coordenador do Cia
da Gente - UFOP

**Prof. Fernanda
Aparecida Oliveira
Rodrigues Silva**
Coordenadora do Cia
da Gente - UFOP

Pensar diferente, fazer a diferença

Nos idos de 2014, fomos convidados pelo então professor do DEART Davi de Oliveira Pinto a assumir o seu lugar na coordenação do projeto de Extensão Cia da Gente, criado e implantado pela Fundação Gorceix em 2005. Temerosos e inexperientes naquele campo, aceitamos o desafio, acatando nossos anseios extensionistas e entendendo a importância daquele projeto não só para o público atendido, como também para os futuros profissionais da educação, bolsistas atuantes no Cia. Para nós, coordenadores, seria um desafio constante acompanhar as ações, pensar os sujeitos, opinar sobre as atividades e a preparação de recursos didáticos e, sobretudo, manter a interlocução com as instituições. Desde então, compreendemos cada vez mais a ideia: o Cia da Gente faz diferente, faz a diferença.



O projeto, instituído e mantido pela Fundação Gorceix, leva atividades de artes e educação às instituições ouropretanas. Nos primeiros dez anos, atuamos na Apae, no Lar São Vicente de Paulo, no Hospital Santa Casa e na Pastoral da Criança e da Juventude. Em 2015, passamos a atuar também no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi). Em 2018, abrimos o coral infantojuvenil no Centro de Atendimento Dom Luciano, da Igreja Nossa Senhora de Lourdes, na Paróquia Cristo Rei. Daí para o grupo de aulas de violão foi um pulo. Em 2019, expandimos o Cia para Mariana e mais uma instituição foi abarcada, agora na Comunidade da Figueira.

Esse conjunto de instituições mostra a dimensão e a abrangência do projeto que se abre para a experimentação e o convívio no dia a dia, com sujeitos e desafios novos. Para tanto, a equipe é multidisciplinar e composta por 22 estudantes dos cursos de

Artes Cênicas, Música, Pedagogia, Educação Física e Jornalismo da UFOP.

A atuação dos bolsistas nas instituições se dá por meio de equipes multidisciplinares de até quatro integrantes em função do número e da diversidade do público a ser atendido em cada uma delas. Os bolsistas planejam e preparam um roteiro de ação semestral que pauta as suas atividades. As equipes se baseiam na leitura e na observação ampliada de cada público e se reúnem semanalmente entre si e também com a coordenação e a comunicação do projeto. Nos encontros, são dirimidas dúvidas e organizados os materiais de apoio à prática, a seleção de estudos e as demais ações que se desdobram do fazer cotidiano.

Assim, com essa configuração de estudantes, ideias e ideais, vimos coordenando o projeto. Em 2017, recebemos da Câmara Municipal de Ouro Preto o Diploma de

Honra ao Mérito; um reconhecimento da excelência do Cia da Gente. Tal diploma espelha a imagem do nosso projeto como ação transformadora e enriquecedora para a sociedade da região dos Inconfidentes. Mostra também a necessidade de aumentar o atendimento a um número maior de pessoas. Em 2019, foi a vez de a Associação Nacional de Educadores Inclusivos do Brasil (ANEI Brasil) conferir aos responsáveis pelo Cia da Gente o Prêmio ANEI Brasil da Inclusão, na categoria Cidadão Inclusivo.

Desde o início da nossa coordenação, percebemos a necessidade de criar a figura da coordenação discente, uma bolsista que cuida da produção geral do projeto e sobretudo, atua como mediadora entre a coordenação docente e os bolsistas, hoje uma aluna do DEART. Logo percebemos também a necessidade de registro, de organização do acervo, de comunicação interna e externa e divulgação das ações do projeto. Assim, em 2016, agregamos mais uma figura em nosso quadro: a Coordenação de Comunicação e Jornalismo, com uma bolsista do DEJOR.

O universo de atividades desenvolvidas pelo Cia da Gente se pauta no tripé Arte, Educação e Sociedade. São áreas norteadoras, sendo que os princípios da singularidade, da alteridade e do direito estão presentes no planejamento e no desenvolvimento de nossas ações perante o amplo público atendido: crianças, jovens, adultos, idosos, enfermos, deficientes. Observando, reconhecendo e praticando a inclusão, pautamos as atividades a serem executadas, especialmente as em grupo, nas quais pessoas neurotípicas e neuroatípicas atuam igualmente, lado a lado, conjuntamente. O viés da educação pela arte, fundamentado na democratização de conhecimentos e de recursos artísticos, nos traz a possibilidade de ouvir, ampliar a voz e colocar sujeitos marginalizados como protagonistas da própria vida social.

Nesse panorama plural, foi imediata a nossa identificação e o nosso encantamento, como coordenadores, com as possibilidades oferecidas pelo projeto: a abertura de novos campos de estudos/pesquisa para os estudantes (Arteterapia - Arte Educação - Educação Inclusiva - Redução de Danos - Práticas Artísticas Integrativas); o acolhimento e a atenção às pessoas socialmente/intellectualmente excluídas, com necessidades especiais de aprendizagem; e a possibilidade de ampliar essa dedicação às instituições de acolhimento e atenção à saúde das cidades de Ouro Preto e de Mariana.

Agora já são 15 anos de existência do projeto de extensão Cia da Gente, com muitos ganhos, aprendizados, superações e revelações. Memórias de uma história que se consolidou numa ação duradoura, sustentada por sua eficiência, pelo afeto constante nas relações e pela sintonia entre os membros da coordenação.

E, quando estávamos em plena capacidade de atendimento e dispo de todo nosso potencial criativo e de produção, sofremos o baque epidemiológico, acometidos pela crise sanitária mundial.

Então, com a chegada da pandemia, nosso maior trunfo, o abraço, o encontro afetivo e presencial das almas, ficou impossibilitado. Lamentamos as mortes, sofremos com o isolamento, mas buscamos imediatamente possibilidades de não nos afastarmos de nossos públicos atendidos nas instituições parceiras. Tentamos tornar as equipes de bolsistas ainda mais unidas e conectadas entre si e conosco, coordenadores. Ninguém soltou a mão de ninguém, mas os desafios continuam a cada dia.

Para que o projeto se reinventasse, optamos por manter o grupo integrado, firme diante do desequilíbrio emocional, focado em soluções e novidades, propositivo e coeso. Juntos mergulhamos na investigação de novas tecnologias que permitissem ações remotas e o encontro, ainda que virtual. Com total apoio da Fundação Gorceix nesse momento, adquirimos hardware e software; promovemos as salas virtuais de conversa e a feitura de vídeos didáticos/pedagógicos; realizamos atividades de oficinas virtuais para os atendidos e atividades de formação e educação continuada para alunos/bolsistas. Tais recursos nos aproximaram de um novo público e facilitaram o acolhimento dos usuários, sujeitos principais da nossa atenção e dos nossos objetivos.

Somam-se às atividades remotas o início de um programa na Rádio UFOP e a gravação das músicas do Cia. No total, são três composições que falam do ser e viver Cia da Gente. Alguns bolsistas toparam o desafio de compor canções para o projeto e fizeram letras com arranjos instrumentais inéditos. Tais composições percorreram um processo de feitura conjunta e colaborativa entre alunos/educadores, especialmente do curso de Música (DEMUS). As partituras, as letras e as melodias podem ser conferidas pelo QR Code nesta revista.

Novas soluções e formatos de continuidade de nossas ações, movidas pelo desejo enorme de acolhimento aos desvalidos, provocaram o empenho e a criatividade de todos os envolvidos no projeto e vêm nos permitindo reinventar, trazendo maravilhosos resultados práticos dentro do “novo normal”. Temos consciência da diferença que nossas ações fazem na vida dos sujeitos que atendemos. E isso nos permite voar sobre superfícies antes inimaginadas, mas agora reveladas e assumidas por todo o coletivo Cia da Gente.

Por fim, deixamos nosso profundo agradecimento à Fundação Gorceix, com todo seu corpo de funcionários sempre solidários, pela parceria, por confiar em nós, por permitir e viabilizar nossos sonhos. Aos nossos bolsistas, pessoas especiais, colaboradores empenhados, entregamos nossa enorme gratidão pelo respeito e pela confiança no empenho profissional e na fraterna convivência. Aos gestores das instituições parceiras/atendidas, declaramos nosso respeito e reconhecimento pela abertura e por permitirem um convívio profissional irmanado pelo afeto e pelo cuidado ao longo dessa trajetória. À UFOP/Proex agradecemos pelo fomento continuado a essa ação extensionista, que permite a relação dialógica com a sociedade.

Há braços que abraçam

As áreas das Artes e Ciências Humanas sempre me atraíram muito, o que me levou a atuar em projetos sociais, culturais e artísticos ao longo da minha história. Em 2017, profissionalizei-me técnica em Teatro – Produção Cultural e Design pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. Em 2018, tornei-me bacharel em Humanidades pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Mas ainda havia em mim o desejo de fazer licenciatura em Artes Cênicas, então ingressei na UFOP com esse propósito. Identifiquei-me fortemente como intuitivo do Cia e tive muito interesse em fazer parte do projeto logo quando soube da sua existência.

Em maio de 2018, participei da seleção para atuar no Hospital Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto, mas fiquei como excedente. No entanto, no mês de julho daquele mesmo ano, fui chamada para compor a equipe atuante no Lar São Vicente de Paulo. Entender o contexto de vida e a existência dentro do Lar aumentou meu desejo de fazer a diferença. Entreguei-me inicialmente às escutas e as conversas se tornaram aprendizado. As experiências que vivi no Lar acrescentaram muito na minha formação acadêmica e profissional e mais ainda na minha formação como ser humano sensível.

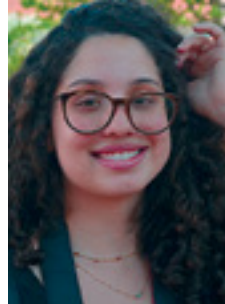
Após quatro meses integrando a equipe de bolsistas atuantes no Lar, manifestei interesse em assumir a coordenação discente do projeto. Até então não havia tido contato com essa função em outros projetos; hoje entendo como uma coordenação discente, que media conversas entre os envolvidos, que ampara e escuta os colegas, que secretaria o projeto e dá andamento às ações, se coloca de extrema importância para o funcionamento de qualquer projeto acadêmico/universitário.

Além de um contato mais direto com questões de rotina – como elaborar e encaminhar documentos, manter um olhar constante sobre o cumprimento do regimento interno e manter a saúde do projeto em dia –, fui entendendo que a coordenação discente atua como facilitadora da interação entre os bolsistas e destes com suas respectivas instituições, bem como assessora a coordenação docente em suas trocas com a comunidade atendida. Atuar na coordenação discente do projeto tem permitido muito o aprender sobre relações, sobre afetividade, sobre olhar o outro com atenção e disponibilidade, além de permitir diária vivência sobre acolhimento e horizontalidade nas funções de gestão.

Para o ano de 2020 estavam previstos em nosso calendário grandes eventos comemorativos: **15 anos do Cia da Gente; 30 anos**



Rosana Luzia Tossige Gomes
Bacharela em Humanidades pela UFVJM, aluna da UFOP, bolsista e coordenadora do Cia da Gente



Maria Eduarda Gomes
Aluna da UFOP e bolsista de Comunicação do Cia da Gente

Cia, essa palavra...

Em 2020, o Projeto Cia da Gente se apresentou para mim e o encanto foi instantâneo. Cursando Jornalismo na UFOP há um ano, a busca por conhecer projetos de pesquisa e extensão era constante. Como caloura, queria entender a universidade. Foi então que o Cia da Gente me arrebatou. Lendo sobre o projeto, suas atividades e ações, percebi que seus principais pilares eram também os meus: a valorização da educação e do afeto. O efeito não poderia ser outro: minha intenção era participar do processo seletivo ou então contribuir como voluntária. O momento chegou, as vagas foram abertas e o processo aconteceu.



Segui os requisitos com dedicação, e a vontade de entender mais sobre o Cia se tornava intensa. Enganei-me ao pensar que só compreenderia os valores do projeto a fundo se estivesse atuando efetivamente. E ainda bem que esse engano aconteceu. O Cia mostra sua singularidade ao menor contato. No dia da minha “avaliação”, eu entendi a unicidade dos sujeitos e dos integrantes e a importância de atividades extensionistas como esta. Participei de uma tarde na instituição APAE Ouro Preto e lá os valores que citei inicialmente pulsavam! Logo nesse primeiro contato entendi como a educação pode se associar perfeitamente à arte e como o afeto muda o compartilhamento de vivências. Naquela tarde, eu fui tocada e mudada pelo projeto. Independentemente do processo seletivo, eu sabia que acompanharia esse trabalho de extensão. Por mais que considere minha experiência única, tenho ciência do poder transformador do Cia. O projeto afeta quem o conhece.

Alguns dias depois dessa vivência, recebi a notícia da aprovação no processo seletivo. A felicidade foi imensa. No entanto, logo em seguida, recebi também o comunicado sobre a paralisação das aulas e o início da quarentena. Em meio a incertezas, inseguranças e uma pandemia cruel, o Cia se mostrou como aquele respiro e o fôlego para seguir em frente. Grandes desafios surgiram até o momento. O maior deles, na minha percepção, é não conhecer as instituições presencialmente e ver minhas amigas e amigos de trabalho somente por trás de uma tela. Contudo, como eu sempre volto a dizer, o Cia é afeto, e não seria uma distância física que abalaria o projeto. Nossas atividades continuaram, nossas redes virtuais cresceram e seguimos com nossa essência afe-

tando os sujeitos, contando histórias e ampliando vozes com arte e educação.

A função da comunicação no Cia da Gente é fundamental. Além de ser um projeto com um número considerável de bolsistas – o que demanda uma comunicação interna intensa –, temos os sujeitos que atendemos, a movimentação das redes sociais, o diálogo com outros projetos e, claro, a produção de vídeos, textos e podcasts, o que mobiliza constantemente a comunicação externa. Como estudante de jornalismo, o contato com as diversas áreas do projeto contribui de forma significativa para a ampliação dos meus conhecimentos e para a aplicação da teoria do âmbito comunicativo em atividades práticas. Mas, além do crescimento acadêmico e profissional, existe também o amadurecimento pessoal. Todo dia é uma oportunidade para crescer e absorver os valores do Cia. A atuação da comunicação é o que propicia interações únicas e essenciais em um projeto, mas também permite que os ideais da extensão sejam de fato efetivados.

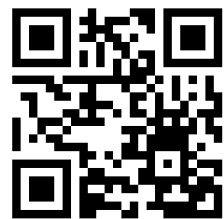
Meu tempo no projeto pode ser curto se comparado ao de outros colegas, mas eu fui acolhida. O Cia se tornou parte de mim e eu me tornei parte dele. Diante de várias adversidades, o projeto se mantém unido, sempre zelando pelo cuidado e pelo bem-estar do outro, dos atendidos e das instituições. Minha eterna gratidão a toda a equipe Cia da Gente e a todos aqueles que cuidam e que mantêm o projeto grande como é. Obrigada por me receberem tão bem e por me mostrarem a força que podemos ter quando partilhemos o mesmo ideal!



Solange Reis
Coordenadora da
Comunidade da Figueira

A Figueira

No dia 1º de janeiro de 1990, Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida fundou, em Mariana, a primeira casa de apoio para pessoas com deficiência física e/ou mental, respondendo à demanda e aos inúmeros pedidos das famílias da comunidade local. O trabalho começou modesto e silencioso, porém com muita dedicação, numa casa conhecida como “Casa da Figueira”, localizada no antigo palácio do bispo, atrás da Igreja de São Pedro. Inicialmente, a obra acolhia 14 pessoas com deficiência física e/ou mental. Hoje, este grupo cresceu: são 65 pessoas com idades variadas, da infância à idade adulta. Atualmente, a instituição tem sede própria; está situada na Rua Cônego Amando, 278 B, no bairro Chácara.



e o Cia

O objetivo primaz da Comunidade da Figueira se desenvolve por meio do acolhimento, de forma integral, a pessoas com deficiência, proporcionando a elas atividades como: trabalhos didáticos, treinamento funcional de tarefas cotidianas, capacitação para a realidade social, acompanhamento ao SUS e integração entre as famílias. Tudo para que se possa despertar os aspectos cognitivos, motores e afetivos de cada um dos atendidos.

A instituição oferece também assistência especializada nas áreas de psicologia e fisioterapia e orientação a pais e educadores. Isso favorece a reintegração das pessoas com deficiência à comunidade, desperta o respeito às suas limitações e potencialidades, como indivíduos e como cidadãos, e desenvolve um convívio fraterno, harmonioso, participativo, organizado e integrado com a população de Mariana.

A rotina da Comunidade da Figueira começa logo cedo, quando a van vai aos bairros e distritos da cidade para fazer o traslado dos usuários para a Figueira. Assim que chegam, eles recebem o café da manhã e, logo depois, são desenvolvidas atividades e oficinas: confecção de tapetes, almofadas, bolsas, quadros em mosaico, cartões, pinturas, pequenos trabalhos em madeira, porta-retratos, enfeites e bijuterias variadas, além de exercícios físicos e/ou caminhada. Por meio de atividades didáticas, são propostos trabalhos práticos para a execução de atividades da vida diária, de modo que eles adquiram independência e autonomia.

A espiritualidade também é trabalhada entre os usuários por meio de orações, celebrações, músicas e visitas ao Santíssimo. E ainda são realizadas atividades na cozinha, na horta, na manutenção da casa e tantas outras, de acordo com a aptidão de cada um. O almoço é servido no intervalo entre as atividades do período da manhã e da tarde; e o lanche, às 15h. Depois do lanche, é feita a higiene pessoal para encerrarmos o dia. Logo a van cumpre sua rotina de encaminhar os usuários de volta para casa.

A Comunidade da Figueira não tem uma estrutura autossuficiente. Vivemos de doações espontâneas – de amigos da instituição e de empresas da nossa e de outras regiões – e de uma pequena ajuda da prefeitura. Todos os que conheceram nosso trabalho e que acreditam que aqui realmente se faz o bem a quem necessita. Participamos de algumas festas da cidade, nas quais expomos nossos artesanatos, e realizamos alguns eventos: show de prêmios, almoço beneficente e o já conhecido “Arriá da Figueira”. Tudo isso nos proporciona a subsistência, mas é um árduo trabalho, que exige constantemente novas parcerias para a manutenção e melhoria do serviço prestado.

Essa é parte da nossa história. Temos certeza que conquistamos mais um parceiro para esta bela obra, pois quem toma conhecimento deste trabalho não consegue ficar de fora, só assistindo: tem a necessidade de fazer parte e ser mais um “amigo da Figueira”.

Amigos como Adan e Camilla. Mas antes gostaríamos de agradecer a todos da equipe Cia da Gente, que, de forma gentil, muito generosa, nos apresentou esses dois profissionais que muito acrescentaram à nossa Comunidade da Figueira. Transcrevemos aqui um trecho da música “Era uma Vez”, gravada pela dupla Sandy e Júnior, por acreditar que o tempo que tivemos com eles ao nosso lado foi bem assim:

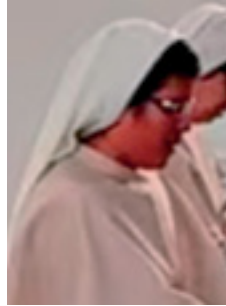
*Pra gente ser feliz
Tem que cultivar as nossas amizades
Os amigos de verdade
Pra gente ser feliz
Tem que mergulhar na própria fantasia
Na nossa liberdade
Uma história de amor
De aventura e de magia
Só tem a ver
Quem já foi criança um dia...*

Foi bem assim a chegada de Adan e Camilla à nossa Comunidade. Com jeito meigo, carinhoso e, acima de tudo, prestativo, eles conquistaram a todos de forma sutil e especial. Da chegada à saída, os dois mostraram um mundo de encantamento e magia de forma verdadeira, amigável e com muita alegria. Adan e Camilla usaram uma didática mais que especial, pois eles sabiam que nossos meninos são mais que especiais. Dessa forma, o tratamento oferecido foi diferenciado, individual, por saber que cada um tem sua personalidade e seu ritmo de entrosamento e aprendizagem.

Gostaríamos de ressaltar também o quanto foi importante o trabalho da dupla para os nossos monitores. Sempre pontual e atenta para trabalhar de acordo com as datas mais adequadas e os desejos dos nossos meninos. As manhãs de terças e quintas eram bem assim: com muita alegria para os meninos e encantamento para os monitores, por saberem que Adan e Camilla estariam ali para fazer um trabalho didático e muito dinâmico, que muito acrescentaria na vida dos nossos meninos. E o trabalho em instituições especiais tem de acontecer com adaptações, pois sabemos que só dará certo, ou seja, só haverá a participação dos beneficiários se estiver de acordo com a realidade de cada um.

Por fim, ao celebrarmos estes 30 anos de existência, queremos convidar a todos para visitar a Comunidade da Figueira. Assim vocês poderão observar e conhecer de perto muitos dos frutos que colhemos.





Irmã Maria Aparecida Milagres
Representante do Lar São
Vicente de Paulo

O Cia e o Lar

As ações do Cia da Gente no Lar São Vicente de Paulo são muito importantes. Desde que cheguei, pude constatar o valor deste trabalho. A presença dos jovens na vida dos idosos traz lembranças de quando estes cuidavam de seus filhos e netos; de quando os filhos eram crianças e adolescentes. O Cia faz parte da família deles. Os internos sempre perguntam: “E os meninos, vão voltar quando?” Este trabalho já faz parte da vida deles. As atividades realizadas duas vezes por semana oferecem quebra na rotina e interação entre os internos, propiciando a todos momentos de alegria.



O Cia da Gente desenvolve atividades diferenciadas e específicas com os idosos internos do nosso Lar. E, diferentemente de outras pessoas ou grupos que se apresentam para realizar eventuais atividades com os idosos, o Cia oferece, anualmente, de forma permanente, um trabalho diversificado, pontual e direcionado ao atendimento desse público. Sem esse projeto, nossos internos se sentiriam mais vazios e carentes. O Cia da Gente faz parte de um Programa da Fundação Gorceix, o que nos dá a certeza de qualidade. Esse relacionamento estabelecido toda segunda e terça-feira com os bolsistas cria, entre os internos, uma afetividade familiar, especialmente para aqueles esquecidos e abandonados pela família. O trabalho dos bolsistas do Cia, embora seja um estágio, é extremamente sério, comprometido e, pode-se dizer, quase profissional.

A importância do Cia da Gente é afetiva, social, acompanhada de entretenimento e de relações profícuas. Sua presença no Lar cria relações de pai e filho, de neto e avô, porque seus integrantes são jovens. Contudo, eles são extremamente responsáveis e imbuídos de sentimento altruísta em relação ao próximo, especialmente os que estão em situação tão vulnerável no que concerne à saúde física, mental e emocional. Eu vejo muita relevância na atuação dos bolsistas do Cia aqui no Lar. Iniciado em 2005, esse projeto tem, hoje, 15 anos de atividade. Desde que aqui cheguei, em 2014, e o conheci, reafirmo a importância de sua presença na nossa instituição.

É uma atividade difícil, sabemos. O idoso nem sempre aceita, com presteza, determinadas atividades. É uma via de mão dupla; torna-se um aprendizado também para os bolsistas, o que é muito bom. Isso desenvolve no jovem a paciência, o respeito ao limite do outro e a melhoria no relacionamento com as pessoas. Para os que trabalham no Lar, é uma experiência muito forte e muito benéfica, inclusive para os estudos. E essa experiência vai fazer parte da história de cada um desses universitários, especialmente quando lembrarem: “Quantas vezes eu chegava e preparava tudo e nada acontecia ou

tudo tinha que ser modificado”. O dia em que esses jovens encontrarem empecilhos na vida, barreiras; o dia em que não forem acolhidos, abraçados, eles vão saber: isso vai passar! Os acontecimentos, as dificuldades... tudo vai passar, porque nada na vida é para sempre.

Agora, esses jovens estão preparados com a paciência, com o saber esperar. A cada tempo, Deus muda nossa história, tudo faz parte da graça de Deus em nós. Muitas vezes, o sucesso não virá, mas todos saberão lutar. Toda faculdade tem seus desafios, toda atividade tem seus desafios, todo projeto tem seus desafios. E, depois de se formarem, todos terão uma missão na área que escolheram; uma grande missão. Sabemos que onde há pessoas, há complexidade. Cada pessoa pensa diferente; cada pessoa é um mundo diferente. Graças a Deus é assim, porque nós somos únicos. Não somos insubstituíveis, mas somos únicos.

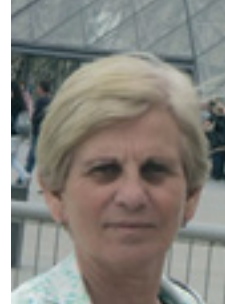
Todo fim do ano, nós, do Lar São Vicente, em nome da diretoria, fazemos questão de dizer ao Cia da Gente a importância de cada um dos alunos que participam desse projeto. Queremos agradecer mais uma vez e lembrar que sempre colocamos todos vocês em nossas orações. O nosso padroeiro começou suas obras quando as pessoas mais precisavam, no final da guerra, na Revolução Francesa. Crianças órfãs e mães viúvas eram atendidas por sua congregação de padres e irmãs lazaristas, dedicada à causa da assistência dos que mais precisavam. Então, aqui nesta casa, a espiritualidade, o objetivo, a identidade, é o cuidado com quem mais precisa. Quando olhamos para nossos idosos mais vulneráveis, temos certeza de que estamos exercendo a atividade com a identidade e o objetivo do Lar São Vicente de Paulo. E é assim que o Lar se coloca nessa posição de cuidado, de proteção e amparo às pessoas mais necessitadas.

Que Deus continue abençoando este projeto e as pessoas que o criaram. Elas, sem dúvida, foram inspiradas pelo Espírito Santo.



Mara Regina
Diretora da
APAE - Ouro Preto

Rosilene Valetim Val
Supervisora pedagógica
da APAE - Ouro Preto



Maria das Vitórias Gabriel Oliveira
Coordenadora das oficinas educativas
do CADOM - Ouro Preto

O Projeto Cia da Gente chegou ao CADOM para ajudar a transformar vidas, a mudar perspectivas com alegria. E como mudou! A música e a arte transformam. Os sons trabalhados trazem outros tons a dezenas de vidas. Crianças e adultos educam sua voz no Canto Coral. Sob a batuta de Dieiny e Luísa, arranjos e melodias transformam sonhos e realidades em sons. Felício e Adaê, com paciência e persistência, ajustam as notas no violão. E tem espaço para gente de todas as idades! Da criança pequena que aprende a ler ao aposentado que se reinventa e adora dedilhar as cordas.



“Em que posso ajudar?” – esse é o legado de Dom Luciano Mendes de Almeida. Em 2015, a Campanha da Fraternidade evidenciou a missão da Igreja em servir. Encontros de Grupos de Reflexão na Paróquia de Cristo Rei, na Comunidade de Nossa Senhora de Lourdes, foram realizados e, em 27 de fevereiro, surgiu a ideia de criar um centro de atendimento para as necessidades da comunidade. Assim nasceu o CADOM – Centro de Atendimento Dom Luciano, fundado com o objetivo de prestar orientações quanto à busca de soluções para as demandas comunitárias. Mais uma prova de que aqueles que colocam seu dom e talento em prol das necessidades do outro contribuem para uma sociedade mais justa, solidária e fraterna.

Várias outras oficinas são trabalhadas em parceria com a UFOP, com o IFMG e com outras entidades do município de Ouro Preto, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida de nossa comunidade. Talentos que transformam vidas são uma bênção!

Oficinas oferecidas pelo CADOM:

Reciclagem; Ponto-Cruz; Decoupage em Vidro; Tricô; Pintura em Tecido; Bordado em Chita; Pintura em Tela; Arraiolo; Bordado com Fita; Crochê; Gastronomia; Violão; Canto Coral Infantil e Adulto; Estudo Bíblico.

Cia A PAE-OP

As atividades do Cia da Gente na APAE contemplam a ampliação da inclusão social e cultural da nossa instituição, proporcionando a todos o repensar de suas práticas pedagógicas. “O teatro, na sua vertente performática, por incidir nas relações humanas, apela ao sentido empático entre os participantes e a cooperação entre estes, o que leva a que estes interajam mais e se conheçam melhor” (Lander Barret, 1991).



A importância do trabalho do Cia da Gente na APAE de Ouro Preto veio fortalecer e fomentar as atividades extracurriculares voltadas ao público com deficiência assistido por esta instituição. O teatro e a música têm a capacidade de igualar e inserir todos na sociedade. Com as atividades propostas pelo Cia da Gente, os educandos podem demonstrar seus sentimentos, aflições, desejos e habilidades, independentemente de suas limitações – físicas ou psicológicas.

da autonomia e da autoestima. A arte funciona inclusive como terapia. Chamada de arteterapia, ela dá ênfase a trabalhos corporais, estimulando a autoexpressão. O campo de atuação da arteterapia estende-se às diferentes organizações – por exemplo: saúde, educação e profilaxia –, permitindo maior qualidade de vida.

Esse trabalho, elaborado pela APAE de Ouro Preto com a colaboração do Cia da Gente, é de grande relevância para o desenvolvimento psicossocial dos educandos. Por isso, o Cia da Gente tem uma importância significativa nas atividades executadas na APAE, tornando essa parceria tão valorosa e necessária.

As atividades envolvendo música, dança, pintura, desenho, poesia e teatro proporcionam o desenvolvimento

Uma parceria pela vida





**Christine Vianna
Algarves Magalhães**
Coordenadora do CAPSi

O que o Cia da Gente tem para contar

O Cia da Gente chegou!

Chegou ao Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) cantando e contando histórias. Como assim? Pois é. Foi assim que o Cia conquistou toda a equipe e a meninada. Entrou fazendo barulho, brincando, rindo, trazendo a alegria contagiante que até hoje permanece. O CAPSi abriu as portas para receber o Cia da Gente e para fazer parte dessa diversão. Diversão que se espalha nas atividades desenvolvidas pelos alunos da Universidade Federal de Ouro Preto, todos bolsistas da Fundação Gorceix, sob a coordenação da professora Fernanda Silva e do professor Marco Flávio Alvarenga. Pode-se dizer que, logo que o Cia da Gente chegou, se expandiu no CAPSi. A cada atividade, o projeto apresenta um monitor com um diferencial. E a coordenação está sempre presente. A parceria com os professores Marco e Fernanda foi um compromisso de grande valia e sucesso.



O CAPSi é um serviço oferecido pela Prefeitura de Ouro Preto desde 2008, cujo objetivo é prestar assistência e oferecer cuidado a crianças e adolescentes com problemas de saúde mental, muitas vezes com comorbidades ou alguma deficiência.

A instituição trabalha com uma equipe multidisciplinar: psiquiatras, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, pedagogos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, monitores de oficinas terapêuticas, administrativos, além da coordenação. Os CAPS foram implantados pela Lei nº 10.216/2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas com transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Em 2002, o Ministério da Saúde publicou a Portaria nº 336, que estabelece as modalidades dos serviços dos CAPS, normatizando a criação dos Centros de Atenção Psicossocial dedicado ao atendimento da infância e juventude (CAPSi). Os CAPS fazem parte da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), instituída pela Portaria nº 3088/2011. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde mental está relacionada à forma como uma pessoa reage a exigências, desafios e mudanças da vida e ao modo como harmoniza suas ideias e emoções.

O processo de Reforma Psiquiátrica no Brasil surge em benefício da alteração dos modelos de atenção e gestão nas práticas de saúde, defesa da saúde coletiva, equidade na oferta dos serviços e protagonismo dos trabalhadores e usuários dos serviços de saúde nos processos de gestão e produção de tecnologias de cuidado.

No sentido de articular e promover espaços e experiências de encontros potentes e transformadores, o projeto Cia da Gente chegou fazendo a diferença. É importante ressaltar que os monitores do projeto Cia da Gente participam das comemorações do CAPSi durante todo o ano: começando com o desfile do bloco “Conspirado”, que abre o carnaval da cidade, com

crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos usuários dos serviços e seus familiares, além dos técnicos da instituição; na Páscoa, colaborando com a confecção de ovinhos de chocolate; na Festa Junina; no Dia das Crianças; e nas festas de fim de ano, especificamente no Natal, com a participação do Papai Noel.

Há mais de 5 anos que este projeto vem atuando no CAPSi, e foram muitos os monitores que por aqui passaram deixando sua marca, sua alegria. Entre eles: Fernando, Dayana, Heloísa, Isadora, Marina, Felício, Júlia; as meninas de hoje – Larissa Ribeiro, Laureanne e Aline –, que são encantadoras; e muitos outros que deixaram saudades.

Todos os momentos foram muito ricos e produtivos durante as atividades propostas pelos alunos dos cursos de Artes Cênicas, Pedagogia e Música. Essa é uma parceria que constrói a rede. Mas ainda há uma gama de possibilidades, sobretudo relacionadas à arte e à cultura, presente em Ouro Preto. Muitas novas oportunidades para que se amplie as discussões a respeito do serviço de saúde mental infantojuvenil em um ambiente de troca, de ensino e aprendizagem entre todos os envolvidos no projeto.

Entretanto, um grande desafio é trabalhar em rede, compor projetos comuns diante da diferença, construir possibilidades para além dos limites de territórios de saberes e práticas nos serviços, com a participação de alunos, professores da UFOP e profissionais da saúde.

Sob essa ótica, o CAPSi proporciona um ótimo cenário de ensino-aprendizagem, que permite ampliar e diversificar os conhecimentos em diferentes atividades que vêm sendo desenvolvidas, além de fortalecer o cuidado e a assistência a um público específico por meio de atividades lúdicas do Cia da Gente. Dessa forma, os alunos ampliam seus conhecimentos convivendo com a diversidade.



[...] O ato de brincar é mais que a simples satisfação de desejos. O brincar é o fazer em si, um fazer que requer tempo e espaço próprios; um fazer que se constitui de experiências culturais, que é universal e próprio da saúde, porque facilita o crescimento, conduz aos relacionamentos grupais, podendo ser uma forma de comunicação consigo mesmo e com os outros (Winnicott; 1975, p. 73).

Proporcionar brincadeiras nas atividades das oficinas para as crianças e os adolescentes que participam do projeto Cia da Gente ajuda a desenvolver a coordenação motora, as habilidades visuais e auditivas e o raciocínio criativo e cognitivo. Nas contações de histórias, a imaginação e a criatividade são estimuladas. É encantador ver essa meninada prestando atenção ou desenhando e colorindo. Perceber os olhos atentos, a vontade de falar, de ouvir, de escutar cada palavra; ver cada gesto durante o conto; é tudo muito lindo e emocionante. Os familiares elogiam muito e ficam satisfeitos com os resultados. Os profissionais da equipe percebem a diferença durante os acompanhamentos; os relatos são realmente fantásticos. É difícil expressar em palavras tais momentos. Mas quero registrar a importância dessa troca e o quanto essa experiência trouxe para o serviço. Contamos com o Cia da Gente em nossos procedimentos de rotina, já que o projeto foi incorporado por todos.

O projeto Cia da Gente tem muitas histórias para contar. E é contagiante ouvir suas histórias. Pode-se dizer que é um projeto de “interintervenção” que faz a diferença.
Viva o Cia da Gente!
Viva a sua história!

Christine Vianna Algarves Magalhães

Coordenadora do Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSI) de Ouro Preto (MG). Graduada em Artes Plásticas (UEMG); em Pesquisa e Ensino no Campo das artes Poéticas Visuais (UEMG); em Análise Institucional, Clínica de Grupos, Esquizodrama e Esquizoanálise (FELUMA); em Assistência aos Usuários de Álcool e outras Drogas (FaE/UEMG); especialista em Arteterapia e em Gestão de Saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Caminhos para uma política de saúde mental infantojuvenil** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. - Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2005. 76 p. - (Série B. Textos Básicos em Saúde)
A Lei n. 10.216/2001, da Reforma Psiquiátrica, Ministério da Saúde
RIBEIRO RCF. **Oficinas e redes sociais na reabilitação psicossocial**. In: C. M. Costa & A. C. Figueiredo (Orgs.). Oficinas terapêuticas em saúde mental: Sujeito, produção e cidadania. Rio de Janeiro; 2004. 105p
WINNICOTT, D. W. (1975b). **O brincar: uma exposição teórica**. In **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago.



Renato Algarves Magalhães
Músico e percussionista,
bacharel em Música
pela UFOP em 2018

O Cia chegou badalando

a diferença



Comecei a trabalhar no projeto Cia da Gente em 2015, na Pastoral da Criança e do Menor, no bairro Taquaral. Meus companheiros de projeto foram Thaís, Fernando, Elaine, Isabela e Matheus Borelli. Conheci a coordenadora da Pastoral, Lucy, e muitas crianças. Participei das atividades e das reuniões de equipe até 2018. Foram feitas muitas dinâmicas com os convidados do projeto: Léo Ladeira foi um deles. Gravei o CD da Pastoral, fiz passeio com os meninos na Mina do Ouro e na do Chico Rei, fizemos música, pintura e teatro, jogamos futebol e muitas outras coisas. Hoje sou voluntário no projeto Cia da Gente, participando do grupo de violões com Addaê, Tobias e Felício. Atualmente, tenho contribuído com as lives do projeto durante a semana, de acordo com a programação. Além das lives, fiz um vídeo sobre o Cia da Gente usando o som da percussão.



Fui bolsista do Cia da Gente, projeto de extensão da UFOP, no curso de Música. Tenho boas lembranças. Foram momentos inesquecíveis: além de ensinar às crianças que participavam do projeto, aprendi muito.

Cada dia de oficina era diferente do outro. Brincávamos, nos divertíamos, criávamos diferentes sons. Uma nova música sempre surgia, com alegria e animação. O uso dos instrumentos de percussão ajudava muito: sino, tambor, agogô, triângulo, pandeiro... A meninada adorava. Tínhamos as comemorações, as apresentações. Só tenho a agradecer por fazer parte do projeto Cia da Gente.

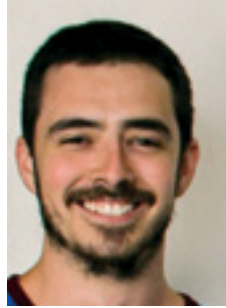
Uma curiosidade durante a minha atuação no projeto é que fiz bastante uso de sinos nas atividades. Também no meu TCC, na UFOP, usei o sino como instrumento da pesquisa, pois em Ouro Preto há muitas histórias sobre os sinos e os significados de seus sons, de seus toques.

Como aprecio música, elaborei uma canção que leva o seguinte título: “O Cia chegou, vamos badalar a festa com muita diferença e energia no ar”. Gostaria de compartilhá-la com vocês. É uma homenagem ao projeto que faz parte da minha trajetória de vida como aluno, como bolsista e, agora, como músico e voluntário.

O CIA CHEGOU, VAMOS BADALAR A FESTA COM MUITA DIFERENÇA E ENERGIA NO AR

*Cia da Gente traz
Muita diversão
E afeto no abraço.
Vamos apreciar o asilo, o lar dos idosos.
A APAE que traz o teatro e música consigo.
Grupo dos Violões pra vibrar as cordas.
Coral pra soltar a voz alta pro mundo ouvir.
CAPSi para fazer artes.
Figueiras para animar o ambiente.
Os palhaços alegrando a Santa Casa.
E o Cia chegou, vamos badalar a festa
Com muita diferença e energia no ar.
Os coordenadores sempre presentes
Na comunicação,
Na conversa.
Viva o projeto completando seus 15 anos.
O Cia tem o Marco Alvarenga trabalhando com sabedoria.
E no esforço
O Cia chegou.
Vamos badalar a festa
Com muita diferença e energia no ar.
Brinque com o Cia e conta com a gente.
O Cia encontra você e dá o papo bom.
A gente toca com interesse e a sabedoria.
A gente brilha com o Cia que nem a estrela do céu.
Como é bom compartilhar conhecimento com vocês,
Com as crianças ou com os colegas na companhia da gente.
Ler e ver, ouvir ou contar.
Será que aprendi? Sei lá, só sei que me ensinou a trabalhar.
Assim como rir.
Brincar.
Evoluir.
Estudar.
Aventurar e participar nas brincadeiras.
O Cia da Gente faz a diferença na história e diversão.
O Cia chegou, vamos badalar a festa
Com muita diferença e energia no ar. (4x)
Cia da Gente é muito bom,
participe você também.
Acompanhe o que rola no projeto.
O Cia chegou, vamos badalar a festa
Com muita diferença e energia no ar.*

Ao lado: música em homenagem
aos 15 anos do Cia da Gente, criada por
Renato Algarves Magalhães



Lucas Rodrigues dos Santos
Aluno da UFOP e bolsista
do Cia da Gente

OS

indivíduos da

APAE-OP,

para além das suas deficiências

Este texto tem como objetivo relatar um pouco das experiências vividas na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Ouro Preto pela equipe do Projeto Cia da Gente. Somos três bolsistas responsáveis pelas aulas de teatro na APAE, nos três turnos da escola. Analisaremos e comentaremos, neste trabalho, a representação social de acordo com a definição clássica de Jodelet (1985), defendida pela professora Mary Jane Spink (1993) em seu artigo “O conceito de representação social na abordagem psicossocial”. É também como a minha representação social estereotipada de uma pessoa com deficiência foi se transformando no decorrer do nosso trabalho dentro da instituição.



Nós, bolsistas, trabalhamos com todas as turmas, em cada período. No período da manhã, os alunos, em sua maioria, têm entre 12 e 20 anos de idade e cursam o Ensino Fundamental, anos iniciais e finais. À tarde, dividimos a turma em três grandes grupos: o primeiro tem alunos entre 3 e 8 anos de idade, alguns em fase de alfabetização; o segundo, alunos de 4 a 30 anos de idade, com paralisia cerebral em nível bastante comprometedor das atividades motoras e de fala, que fazem parte da turma de Sensibilização; e o terceiro grupo conta com alunos mais velhos, alguns idosos, que estão nos anos finais do Ensino Fundamental. O período da noite parece ser o grupo “mais homogêneo” (o termo será problematizado mais adiante): são alunos de 20 a 40 anos de idade que compõem a turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Não pretendemos aqui ser tão específicos quanto à deficiência dos alunos. Primeiro, porque não é possível o acesso a diagnósticos clínicos e pessoais, tendo em vista que a escola não dispõe de tal documentação sobre todos os alunos. Alguns não têm sequer acompanhamento médico/psicológico, podendo-se observar que se trata de um grupo com significativo grau de vulnerabilidade social.

Segundo, porque temos evitado basear nossas práticas na deficiência ou na dificuldade de aprendizado; procuramos focar nossas ações nas possibilidades de realização de cada aluno, explorando seu potencial cognitivo. E esse conjunto traz ao projeto Cia da Gente maior responsabilidade para além da vertente educacional.

A problemática do diagnóstico nos veio com as aulas de Psicologia da Educação, nas quais discutíamos questões relacionadas à educação especial e inclusiva. Antes era importante para a equipe ter acesso aos diagnósticos; queríamos saber com quais deficiências estávamos lidando. Contudo, depois das aulas e das discussões

entre a equipe, percebemos que não estávamos lidando com deficiências, e sim com as pessoas. Foi importante perceber que temos de observar para além da deficiência; e que ela é só uma das diversas características de cada aluno da instituição. Não estamos aqui diminuindo a importância da análise clínica, mas acreditamos que o nosso trabalho não precisa se apoiar, essencialmente, nela. Percebemos que, para as nossas práticas com os jogos de corpo, voz, interpretação e estratégia e para o trabalho em equipe, seria necessária e imprescindível a observação do cotidiano dos alunos, de suas capacidades; não de suas limitações.

A representação social que tínhamos de algumas deficiências era limitada. Por exemplo, a paralisia cerebral. Antes, imaginávamos que as pessoas perdiam todos os sentidos e ficavam completamente incomunicáveis. Hoje, sabemos que existem diversos níveis de paralisia cerebral. Algumas afetam mais a parte motora do que outras, e não são todos os casos que apresentam danos no desenvolvimento intelectual. Um dos alunos com paralisia cerebral se demonstrou muito sagaz em um jogo proposto pela equipe do Cia da Gente: o “batalha naval”. O tabuleiro estava desenhado no chão e a relação das “bombas” estava em uma folha nas mãos de uma das monitoras. Este aluno em questão conseguiu, de forma muito discreta, ir atrás da monitora, olhar onde estavam as bombas escondidas, decorar e ajudar a sua equipe a ganhar. Neste caso, apesar da conduta contrária às regras do jogo, pudemos observar que, mesmo com dificuldade de locomoção e dicção, ele foi bastante astuto, curioso, capaz de criar estratégias para beneficiar sua equipe, mostrando claramente que a paralisia cerebral não afetou sua sagacidade. Não estamos questionando aqui se o ato foi ou não foi correto moralmente; queremos mostrar, sem juízo de valor, que o aluno pode desenvolver habilidades para além da sua deficiência.

Mary Jane Spink, em seu artigo “O conceito de representação social na abordagem psicossocial”, explica como estruturamos as representações sociais:

Este processo implica três etapas: primeiramente, a desconstrução da informação através de critérios normativos e culturais; em segundo lugar, a formação de um núcleo figurativo, a formação de uma estrutura que reproduz de maneira figurativa uma estrutura conceitual; e, finalmente, a naturalização, ou seja, a transformação destas imagens em elementos da realidade (SPINK, 1993, página 306).

O trecho acima elucida exatamente o processo que a autora chama de “cristalização de uma representação”, ou seja: não havia informações suficientes e concretas de pessoas com deficiência; assim, criava-se um imaginário de como elas seriam e, por fim, transformava-se essas imagens em realidade. Contudo, a representação social que tínhamos de pessoas com deficiência, construída pelo senso comum e pela desinformação, foi desarmada. Aos poucos, estamos desconstruindo falsas realidades sobre esses indivíduos, por meio das demonstrações de carinho por parte dos alunos, do convívio e da observação atenta das práticas em salas de aula.

Nessas observações que ultrapassam as questões da deficiência, começamos a dar atenção às situações econômicas e sociais desses alunos; situações que influenciam fortemente no aprendizado, ficando claro que a maioria dos alunos vem de uma camada popular em vulnerabilidade social. Analisando o trecho abaixo, do autor Álvaro Marchesi, compreendemos as semelhanças e as diferenças de cada criança não somente no âmbito da deficiência, mas também no contexto social, de idade, de gênero e de sexualidade e como cada uma dessas características estruturam uma personalidade distinta.

É necessário, conseqüentemente, combinar os traços comuns com as características próprias de cada aluno e de seu contexto. Deve haver um enfoque que analisa de forma interativa a situação de cada criança e que leve em conta, por um lado, o que tem em comum com outras crianças e o que é específico dela; e, por outro, o que é comum em seu ambiente e outros ambientes e o que é específico de seu ambiente familiar e educativo (MARCHESI, 2004, página 22).

A equipe do Cia vivencia diversas dificuldades em atender a todas as individualidades e aos diferentes aspectos que moldam esses alunos. Ainda estamos aprendendo e aperfeiçoando nossa linguagem, com o uso de termos corretos, de modo a não ofender nenhum indivíduo. Além da linguagem, precisamos compreender e analisar nossas atitudes diante de tanta diversidade, tema que ultrapassa as questões clínicas.

Por mais que tenhamos defendido, durante o texto, que as deficiências não são as únicas características a serem lembradas e pensadas, ainda assim é um fator muito latente para a equipe. Ter em um mesmo grupo, em uma mesma turma, ouvintes e alunos surdos, alunos cadeirantes, alunos com transtorno do espectro autista e alunos com síndrome de Down é muito difícil, pois precisamos encontrar diversas maneiras e possibilidades de comunicação para cada aluno. Por isso, quando citamos anteriormente a turma da noite e afirmamos sua homogeneidade, é porque não precisamos fazer grandes adaptações às nossas atividades, já que todo o grupo participa de forma mais igualitária. A comunicação entre nós, bolsistas, e os alunos deste período é muito mais clara e objetiva. Arriscamos a afirmar que a maior facilidade de se inteirar com essa turma não está associada às deficiências dos alunos, mas ao fato de que esses alunos estão há mais tempo na instituição, fazendo parte do processo pedagógico. Com isso, eles compreendem de forma mais rápida e precisa as nossas indicações. Sem contar que é uma turma com menos integrantes.

Gostaríamos de deixar claro que, mesmo o projeto atendendo a uma grande demanda de alunos, mesmo que estejamos em formação e que tenhamos diversos medos e representações sociais a serem desconstruídas, ainda assim nos sentimos realizados. O papel da arte como educação neste local de camadas populares vulneráveis é de extrema importância. Se não fosse pelo Cia, talvez essas crianças, jovens e adultos não tivessem a ímpar experiência com o teatro, a oportunidade de brincar e de interagir com os colegas, a oportunidade de vivenciar uma experiência artística que independe de qualquer limitação física e/ou intelectual.

Para finalizar, salientamos que a APAE é um espaço incrível de aprendizado e socialização entre alunos e professores, mas não deveria ser o único. Entretanto, os alunos só frequentam a APAE, que é vista como fonte única de formação, quando, na verdade, a instituição serve de apoio à formação. E como é um espaço com atenção mais específica para as deficiências, alguns alunos poderiam estar frequentando uma escola de educação inclusiva. Contudo, é amplamente reconhecida a dificuldade de uma escola regular acolher alunos com alguma deficiência ou com alguma dificuldade de aprendizagem, podendo ocorrer, para esses alunos, mais transtornos prejudiciais do que benefícios. Dessa forma, a APAE se transforma em um local de máxima socialização, um ambiente em que os atendidos se encontram protegidos e se reconhecem no outro. Ali é possível perceber que a deficiência, seja ela qual for, é uma característica entre muitas outras.

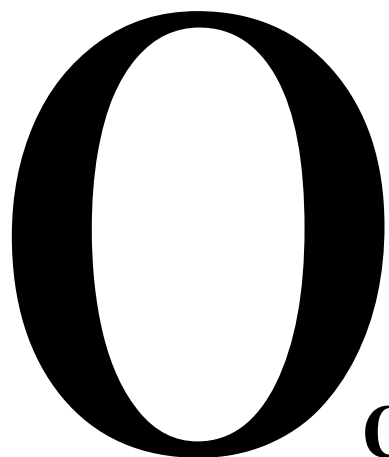
REFERÊNCIAS

SPINK, Mary Jane. **O conceito de representação social na abordagem psicossocial**. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 1993.

JODELET, D. **Représentations sociales: un domain en expansion**. In: Les Représentations Sociales (D. Jodelet, org.), pp. 31-61, Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

MARCHESI, Álvaro. **Da linguagem da deficiência às escolas inclusivas**. IN: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús; e cols. **Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2.ed. Artmed: Porto Alegre, 2004.





o caminhar artístico na APAE de Ouro Preto



Milena de Souza Martins
Aluna da UFOP e bolsista do Cia da Gente

“Hoje tem teatro?” é uma frase constante que escuto na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) da cidade de Ouro Preto. Saber que as aulas que montamos, estudamos, planejamos, replanejamos é recebida com tanta ansiedade e feita com vontade é, no mínimo, emocionante e motivador. Observando por dois anos aquele espaço e dialogando com grupos e pessoas que trabalham ou já trabalharam com pessoas com deficiência, comecei a notar o quão importante são os incentivos artísticos na vida de cada um ali dentro – profissionais, estudantes, coordenadoras(es) e responsáveis –, tanto para a vida na instituição quanto para a vida fora dela.



Este artigo vai enfatizar o trabalho realizado em uma das instituições que o Cia da Gente atende: a APAE. A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ouro Preto – “Escola de Educação Especial Dr. Hélio Harmendani” foi fundada em 1982 e tem como objetivo principal a integração e a orientação no processo educacional dos alunos com deficiência. As aulas de artes são realizadas uma vez por semana, abrangendo os três turnos: manhã, das 8h às 9h30 (alfabetização); tarde, das 13h às 14h30 (sensibilização); e noite, das 16h30 às 18h (EJA). Os estudantes dessa instituição são pessoas com deficiências intelectuais e múltiplas.

Um dos intuitos das aulas de artes do projeto (especificamente teatro e música) é fazer com que os alunos tenham maior coordenação motora; desenvolvam a criatividade; obtenham um olhar diferenciado com os objetos; se aproximem mais dos colegas, gerando maior contato com o grupo escolar com o qual convivem; e exercitem a liberdade pessoal unida à autonomia. Conforme o andamento das aulas, percebe-se que há um grande desenvolvimento emocional, encorajamento, superação das dificuldades e aumento da confiança.

que eles quiserem em relação a esse objeto – ressignificando-o e transformando-o em outras imagens –, estimulando-os a contar uma história a partir daquele objeto. São pequenas ações que vão transformando os pensamentos e o modo de ver a vida, revelando que há outras possibilidades além daquelas que costumamos enxergar no dia a dia.

Com o passar do tempo percebemos que as/os estudantes geram afeto dentro da instituição de uma forma diferenciada, comparando a relação dos estudantes em uma escola regular. Essa relação de afeto é construída a partir da intimidade que uma APAE produz entre os profissionais, os responsáveis e os próprios estudantes; ou também a partir de como estes estudantes se sentem

Uma das formas de exercitar a liberdade pessoal é por meio da arte. Por exemplo, quando você apresenta um objeto para os estudantes e os motiva a imaginar o

confortáveis, respeitados e representados (identificação com os colegas, nos quais se vêem, com deficiências semelhantes ou não) dentro do espaço. Esse afeto transborda. E, quando entramos nessa associação, nos causa inúmeras reações – espanto, conscientização, aproximação, carinho, respeito – que nos fazem refletir sobre realidades que ainda não tínhamos conhecimento.

Para além dos afetos trocados, há o sentimento de pertencimento das pessoas que ali frequentam. Esse pertencer simboliza uma segurança e um bem-estar que vai além das aulas e de toda a burocracia que as escolas têm. Um lugar que proporciona acolhimento, cuidado, desenvolvimento, empoderamento, visibilidade e respiro. Porque ali elas são incentivadas a ser mais autônomas, a decidir por si através da liberdade de expressão.

Atuamos nessa instituição pesquisando, dialogando e planejando formas de ações artísticas, por meio de aulas e ensaios. Os estudos que foram feitos durante esse tempo se relacionam com estudos de pessoas que passaram por esse mesmo projeto neste mesmo espaço. Portanto, essas observações visam a um olhar para além dos anos em que estivemos ligados diretamente à instituição.

Atualmente, coordeno a equipe de teatro, que é integrada por mais dois colegas: Isadora Matricarde e Lucas Rodrigues. O número de pessoas que integram a equipe varia conforme a disponibilidade das bolsas dentro do projeto. Uma das dificuldades que encontramos durante a nossa jornada estava ligada ao número de artistas-educadores atuantes na instituição. Isso influencia diretamente na forma de atendimento aos estudantes durante as aulas. Entendemos que a aproximação e o atendimento individual é extremamente necessário para melhor desenvolvimento e acolhimento dos exercícios propostos.

Levando em consideração que, ao ensinar, estamos também aprendendo, não existe a possibilidade de um professor entrar em sala de aula, fazer o seu trabalho e sair de lá do mesmo jeito que entrou. Quando os professores passam uma informação aos estudantes, estes respondem a essa informação de maneira diferente. Na educação, não só inclusiva, o tempo de aprendizado de cada estudante varia conforme as limitações e singularidades. Trabalhar com a educação inclusiva é estar em constante aprendizado, como citado no artigo “O papel do professor na educação inclusiva” (ROCHA, 2017, página 3).

Quando falamos em “necessidades educacionais especiais”, sugerimos a existência de um impasse na aprendizagem, indicando que os alunos com tais necessidades precisam de recursos e serviços educacionais diferenciados dentro do contexto escolar, o que faz com que os sistemas de ensino e, sobretudo, os professores, busquem novos caminhos para oferecer recursos e serviços adequados para cada indivíduo, deixando de lado as terminologias negativas que rotulam os alunos com necessidades, como “deficientes”, “anormais”, “retardados”, entre outras.

Em cada aula, em cada aprendizado e troca, encontra-se uma brilhante forma de os estudantes nos surpreenderem, mostrando suas habilidades e contrariando o estereótipo pejorativo que eles carregam. No decorrer das aulas, percebemos que cada um aprende e age de forma diferente. Por conta de certas doenças e, consequentemente, de certas limitações, nas aulas de artes na APAE é necessário ter compreensão, atenção e maior sensibilidade. Enfim, são vários obstáculos a serem superados e muitos pontos para melhorar. Contudo, há também uma grande satisfação pelas conquistas e pela possibilidade de obter uma troca contínua.

Outras dificuldades apareceram durante a caminhada. Entre elas, o tão discutido diagnóstico: determinação de uma doença a partir da descrição de seus sintomas e da realização de diversos exames. A nossa grande questão, que levou a diversas discussões, estava relacionada ao desconhecimento do diagnóstico dos estudantes. Em 2019, concluímos que essa era a nossa maior dificuldade. Até entendermos e repensarmos esse fato nas aulas de Psicologia da Educação II, ministradas na Universidade Federal de Ouro Preto, o que nos levou a enxergar que, muitas vezes, descobrir o diagnóstico limita a nossa atuação, dificultando todo o trabalho.

No entanto, isso não significa que uma pessoa não precise do diagnóstico médico. É extremamente importante que exames sejam feitos, que os profissionais consigam propor tratamentos e soluções para melhorar a qualidade de vida desses indivíduos e que resultados sejam observados. A questão do diagnóstico é mais sobre não se limitar a ele, mas tê-lo como aliado para tomar os devidos cuidados. Entendemos que o melhor é a junção de médicos, fisioterapeutas, professores, coordenadores e outros profissionais em busca de soluções que possibilitem maior qualidade de vida para cada indivíduo.

Querendo ou não, todos os corpos carregam dificuldades, tanto visíveis quanto invisíveis. A própria palavra “deficiência”, além de carregar as dificuldades dadas pelo diagnóstico, leva ao preconceito e à exclusão social. Esse assunto começou a ser discutido, de forma mais ampliada, há pouco tempo. Contudo, pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência sempre estiveram na história da humanidade. Dizer isso parece óbvio, mas, quando observamos o quanto as pessoas com deficiência foram invisibilizadas, fica claro que não é tão óbvio para todos.

Na educação especial, como em todo trabalho, há dificuldades a serem enfrentadas no dia a dia. O desconhecimento de problemas que afetam os alunos foi, e continua sendo, uma dessas dificuldades que enfrentamos. Como lidamos com diversas pessoas, cada uma com suas limitações, temos de ter o cuidado de fazer com que os exercícios propostos cheguem a todas. E que nós, artistas-educadores, possamos observar atentamente os diferentes caminhos utilizados para conseguir chegar a cada um.





Agora, vamos falar sobre uma dificuldade encontrada em praticamente todas as escolas públicas no Brasil: o número de estudantes por sala. Esse fato acaba dificultando a aproximação individual que o professor ou professora precisa ter com cada aluno, ainda mais com alunos que precisam de maior atenção. Muitas vezes, esse fator causa atraso nas atividades ou até perda de conteúdo, que poderia ser melhor aproveitado com toda a turma.

Um outro ponto importante que essa experiência nos permitiu refletir foi a aproximação dos alunos com os educadores. Nesse aspecto, há uma grande diferença em relação à educação escolar regular. Na APAE, os alunos criam uma admiração e um carinho por nós que vai além da sala de aula, levando em consideração o pertencimento já mencionado. Obviamente que isso carrega pontos positivos e negativos. Os pontos positivos vêm dessa aproximação na relação, que faz com que tenhamos mais contato com a vida pessoal de cada um, podendo ajudar com maior proximidade em certos aspectos. E é interessante pensar como a arte causa espontaneidade e integração nos relacionamentos. Mas, como a APAE é um lugar que gera afetividade de forma diferente, única, temos de tomar certos cuidados para que esse contato não prejudique o nosso trabalho e não se torne inconveniente. É importante que haja possibilidade de conversar, de olhar nos olhos e de entender o quanto cada um se esforça, da sua maneira, para interagir.

Educar através da arte é um trabalho árduo e gratificante. A cada dia, uma nova expectativa depositada, uma superação conquistada e um aprendizado diferente. O importante para um artista-educador é não se esquecer da liberdade e da grandiosidade que transborda na arte; e poder, da melhor forma possível, compartilhar esse conhecimento com as pessoas ao seu redor. Ter cuidado e atenção com cada pessoa atendida, por mais difícil que seja, é essencial para que haja uma rica troca e percepção do quanto precisamos adaptar certos exercícios para que aconteça a verdadeira inclusão.

Entender que as aulas de arte (teatro e música) auxiliam e estão ligadas a outras disciplinas e aos acompanhamentos médicos faz com que o “salvamento através da arte” seja quebrado, até porque não temos uma forma milagrosa para isso e ninguém é perfeito o bastante para salvar sem precisar de algum tipo de salvamento também. Romantizar a arte acaba fazendo com que te-

nhamos uma visão equivocada do papel do teatro e da música e sobrecarregamos essas disciplinas com algo que não está ao alcance delas.

A arte pode ser definida de “N” maneiras. Aprecio a definição da essência teatral feita por Augusto Boal no livro “Arco Íris do Desejo”:

Esta é a essência do teatro: o ser humano que se auto-observa. O teatro é uma atividade que nada tem a ver com edíficos e outras parafernalias. Teatro ou teatralidade – é aquela capacidade ou propriedade humana que permite que o sujeito se observe a si mesmo, em ação, em atividade. (1996, página 27, nota do autor).

E é exatamente essa observação que torna a arte teatral uma arte de todos, porém pesquisada e desenvolvida por alguns. Assim, com esses pensamentos, tiramos a salvação e a romantização e começamos a pensar numa arte mais horizontal. A transformação vem por meio de constantes e pequenas ações.

Apesar das dificuldades, é esse o caminho que reconheço como uma das maneiras de educação. Com métodos diferentes, adaptações e readaptações sobre as aulas de artes, fazendo com que haja uma construção que instigue o empoderamento e a abertura de portas. Tudo isso para ampliar a visibilidade de pessoas que lutam pela existência e por direitos que foram negados a elas, o que me parece algo possível e justo a ser feito. Uma sementinha que nem sempre deve ser plantada no outro, mas em nós mesmos. A educação inclusiva é difícil e estamos longe de conseguirmos a sua totalidade, porém, quanto mais nos recusamos a tentar, mais longe ela estará. Hoje, em pleno século XXI, as pessoas com deficiência alcançaram muitas conquistas, que deveriam ser delas por direito. Então, precisamos lutar para que essas conquistas não retrocedam e para que muitas outras venham.

Para concluir, digo que as experiências na APAE nos mostram o quanto é importante continuarmos. Obstáculos, como vimos, sempre existirão. Mas podemos escolher, como aquele exercício dos objetos, se vamos ver apenas o que enxergamos no dia a dia ou se vamos tentar outras possibilidades. Tenho certeza de que, dentro dessa instituição, temos motivação para fazer isso, e com muito afeto. Então, seguiremos no processo da educação inclusiva, que, com toda certeza, está dando bons frutos.

REFERÊNCIAS

PORTAL EDUCAÇÃO. **A importância da arte na educação especial.** Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/a-importancia-da-arte-na-educacao-especial/59900>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

EUTIQUEIRO Fernandes Da Fonseca. **Do Teatro ao Processo Pedagógico: possíveis interlocuções entre o processo colaborativo e as práticas pedagógicas na educação especial na APAE de Ouro Preto.** Disponível em <<http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/10627/1/DISSERTA%C3%87%20TeatroProcessoPedag%C3%B3gico.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

MATRICARDE Isadora, RODRIGUES Lucas e SOUZA Milena. **Projeto da Apae, Cia da Gente, 2020: “A arte e suas possibilidades de desenvolver a autonomia”**

ROCHA, Artur. **O papel do professor na educação inclusiva.** Ensaios Pedagógicos, [S. l.], jul. 2017. Via Internet.

BOAL, Augusto. **O Arco Íris do Desejo.** [S. l.]: Civilização Brasileira s/a, 1996. 109 p.





Rafael dos Santos
Aluno da UFOP e bolsista
do Cia da Gente

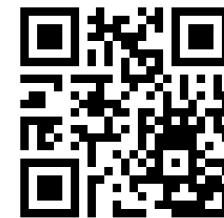
palhaço de hospital

e

o

poder do encontro

O palhaço de hospital é um acontecimento aparentemente de opostos. Uma junção entre o arquétipo do bobo e o do curandeiro. Mas será que são tão opostos assim? Como o palhaço enxerga o ambiente hospitalar? Para tentar responder a essas perguntas, podemos começar definindo uma coisa muito simples, presente no cotidiano de todos: a porta. O que é uma porta? Podemos facilmente defini-la como um objeto que separa o lado de dentro do lado de fora, mas, para o palhaço de hospital, ela é um pouco mais especial e digna de atenção. Toda porta é única, toda porta é uma oportunidade de transformar o ambiente em volta, de criar aventuras, de ouvir e elaborar novas histórias. Quando colocamos o nariz vermelho, procuramos nos manter presentes naquele espaço, física e mentalmente, totalmente à disposição da escuta e da troca com as pessoas em volta.



Nós, palhaços do Cia da Gente, somos profissionais nessa função na Santa Casa de Ouro Preto. Trabalhamos sempre em grupo e nossa especialidade é “alegrologia”. Tratamos a alegria dos pacientes. Para isso, como todo bom médico, contamos com nossas ferramentas: bom humor, imaginação, improviso, boa música, algumas mágicas na manga e um pouco de gingado na cintura.

Ao contrário do que habitualmente pode-se pensar, o palhaço de hospital sabe muito bem onde está e que seu trabalho não é omitir a realidade hospitalar, e sim transformá-la. Crianças com tampões de olho tornam-se piratas em busca do tesouro; uma cama se torna o barco de um marujo velejando sozinho ao mar; o estetoscópio é usado para ouvir a música que toca no coração dos pacientes. Com um globo terrestre, se faz uma aventura aos lugares mais exóticos do mundo. Um quarto de hospital pode se tornar palco de um incrível show de talentos, com mágicos, músicos, radialistas, bailarinos, comediantes e malabaristas.

Podemos dizer que a atuação da equipe de palhaços na Santa Casa de Ouro Preto é separada em dois espaços. Um diz respeito aos encontros em ambientes de acesso livre – entre eles, recepção, corredores e áreas de espera –, que permitem uma abordagem com os pacientes que relaxa e diminui a tensão da consulta, principalmente em crianças. Na recepção nos apresentamos como Doutores Alegrologistas de plantão e anunciamos algumas mudanças que serão realizadas no hospital. Por exemplo, o monitor de televisão, no qual os pacientes aguardam ser chamados, terá outra utilidade: servirá para reproduzir os filmes “mais atuais” em cartaz, como “A Lagoa Azul”. Outra novidade é que os computadores de uso do grupo de recepcionistas agora poderão ser utilizados pelos pacientes para acessos “às mais populares redes sociais”, como Orkut, MSN e Chat do UOL. Outro espaço em comum é a área de visitas da UTI, um lugar muito delicado, que pede do palhaço muita atenção, respeito e sensi-

bilidade. Primeiro, observamos à distância o clima do ambiente. Em seguida, nós, companheiros de trabalho, nos comunicamos brevemente sobre como vamos agir. Geralmente puxamos um papo sobre assuntos cotidianos – por exemplo, sobre o clima da cidade – e estabelecemos contato com a primeira pessoa. Depois que o primeiro sorriso é posto no ar, é notório que ele se ramifica entre as pessoas ao redor em pouco tempo. É como dizem: o riso é contagiante.

Outro local no qual atuamos com nossas visitas são os ambientes fechados, ou seja, os quartos. Os encontros nos quartos são diferentes. Geralmente trabalhamos com uma plateia de uma pessoa só. Com a prática, notamos que planejar como será o encontro no quarto é algo extremamente falho. Levar ideias prontas não funciona. Claro, temos um repertório na manga, mas, antes de selecionar o que deve ser feito, temos de trocar com o paciente. Por isso, retornando ao início do texto, a porta se torna um elemento tão importante. É por ela que se tem o primeiro contato com o paciente, que pode, com toda liberdade, negar a nossa visita. No entanto, se for permitida, entramos. Às vezes ficamos entalados com o espaço da porta, mas, com um pouco de esforço, sempre conseguimos.

No quarto, não há mais divisão entre o lado de fora e o lado de dentro. Levamos um mundo inteiro improvisado dentro da mala. Se o dia está chuvoso, com um violão, uma escaleta e um pau de chuva, reproduzimos o som das gotas caindo. Se desânimo for o caso, temos várias mágicas com cartas; às vezes elas não dão certo, mas é sempre culpa do baralho que não ensaiou direito. Em outros momentos, levamos apenas a nossa presença: ouvimos histórias, medos, reclamações e alegrias; trocamos escutas, olhares e emoções.

Entramos agora em outro ponto muito importante deste relato: as histórias. Elas são a cereja do bolo.

O grupo de palhaços de hospital do Cia da Gente trabalha majoritariamente com o público adulto, que é a grande maioria dos pacientes da Santa Casa; diferentemente dos Doutores da Alegria (organização filantrópica que iniciou o Programa de Palhaços em hospitais no Brasil), cujo foco são as crianças hospitalizadas. Encarando este fato, observamos que, principalmente entre os pacientes mais idosos, há uma predisposição para contar suas histórias: como foram parar no hospital, o lugar de onde vieram, seus familiares, etc. Esses encontros rapidamente se tornaram nosso ponto forte, nos provocando a incentivar cada paciente a contar seus relatos.

Com isso, veio a ideia de registrar essas histórias como meio de preservação da memória dos pacientes. Começamos utilizando um gravador, que infelizmente não funcionou, pois atrapalhava a espontaneidade e a imersão das narrativas. Optamos então pelo registro escrito, que, apesar de falhar na integralidade das histórias, resulta numa certa liberdade poética na hora de reproduzir os relatos.

Procuramos também trabalhar a nossa capacidade de contar e inventar histórias. Assim, criamos um jogo no qual utilizamos um globo terrestre de brinquedo. Com os olhos fechados, o paciente toca em algum país e, de forma lúdica, nós contamos tudo sobre aquele lugar: a língua que se fala, o estilo musical mais popular, a comida típica, a cultura, etc.

Ser um aluno atuante na equipe de palhaços de hospital do Cia da Gente faz com que eu tenha uma vivência artística/extensionista de potência humana sem igual. Ter acesso a isso, a esse projeto, provoca em mim questões teóricas e técnicas da minha formação acadêmica, além de me colocar em um espaço de responsabilidade ética e moral que me faz lidar com o encontro, o afeto, a saúde e a dignidade do paciente hospitalar.

Concluo com uma frase que me guia como palhaço Tropeço, dita por Soraya Said no filme Doutores da Alegria (2005). É mais ou menos assim: “o nariz do palhaço é a menor máscara do mundo porque oculta um nariz para revelar um ser humano”. E o encontro no hospital é exatamente isto: cada virada de corredor, cada quarto, gera a possibilidade do encontro entre seres humanos. O palhaço e o paciente inteiramente à mercê do poder do encontro, compartilhando potências, fraquezas, sensibilibidades e histórias.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Ana. **Palavra de Palhaço**. Rio de Janeiro: Jaguaritica, 2016.

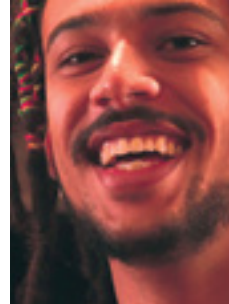
Doutores da Alegria. Direção: Mara Mourão. Produção: Grifa Filmes e Mamó Filmes. São Paulo: 2005.

MCKILLIP, Jamie. **Meet the Joyologist: How one woman Created the Coolest Job Ever**. Well and Good, 2014. Disponível em: <https://www.wellandgood.com/meet-the-joyologist-how-one-woman-created-the-coolest-job-ever/>. Acesso em: 1 de agosto de 2020

Sobre Doutores. Doutores da Alegria, 2019. Disponível em: <https://doutoresdaalegria.org.br/conheca/sobre-doutores/>. Acesso em: 1 de agosto de 2020.



Violão para todos



Addaê Rodrigues
Aluno da UFOP e bolsista do Cia da Gente

O trabalho realizado no Centro de Atendimento Dom Luciano (CADOM) tem como finalidade criar, planejar e executar ações que favoreçam o ensino de violão a pessoas de todas as idades. As oficinas de violão e musicalização do Grupo Violão para Todos são realizadas com crianças, adultos e idosos (sem limite de idade).

Descrevo, neste texto, as experiências vividas pelos bolsistas do curso de música, por mim, Addaê Rodrigues, e por Felício Godinho durante as atividades presenciais na instituição. A minha experiência neste projeto começou no período de 2019/2. O projeto já havia sido iniciado em 2018 pelo Felício, que completou suas atividades no CADOM em 2020. Entre os objetivos das oficinas de violão, destacam-se o desenvolvimento rítmico e motor dos alunos no instrumento; a compreensão dos termos básicos e iniciais da teoria musical aplicada ao violão; e a inclusão de qualquer pessoa que se matricula no projeto para praticar música e dividir a afeição de subir ao palco com os demais colegas para uma apresentação musical.



O Centro de Atendimento Dom Luciano está localizado no bairro Bauxita e pertence à Paróquia Cristo Rei, em Ouro Preto. Surgiu em 2015 e oferece atividades como: palestras, orientações sobre direitos e deveres, oficinas, minicursos e reforço escolar. A coordenadora Maria das Vitórias Gabriel Oliveira administra outras 11 oficinas, com a colaboração de agentes que fazem trabalho voluntário. Nessa instituição, o Cia da Gente contribui com dois projetos de musicalização: o Canto da Gente, coral infantil e adulto, e o Grupo Violão para Todos. As apresentações do grupo de violão acontecem nos eventos da paróquia. Em 2019, participamos da festa junina, que aconteceu em frente à escadaria da igreja, iniciada com uma missa de boas-vindas aos novos alunos e para dar a benção aos violões.

TURMAS

O projeto envolve mais de 60 alunos divididos em seis turmas, cada uma com cerca de 10 alunos. O perfil dessas turmas é parecido; todas têm pessoas de ambos os sexos e de idades bem variadas: idosos, adultos, jovens, adolescentes e crianças. Mesmo tendo essa variedade de alunos, preferimos não separar os grupos por idade, principalmente porque vários pais e avós de alunos também participam das aulas. Acredito que o objetivo principal desses pais e avós seja estar mais presente na infância das crianças. Quanto aos demais adultos e idosos, realizar uma atividade conjunta com crianças e adolescentes faz com que se sintam igualmente incluídos e totalmente capazes de tocar o instrumento, independentemente da idade.

METODOLOGIA

Para facilitar o entendimento musical dos alunos, optamos por construir um repertório baseado na canção popular brasileira, repertório que serve como ferramenta básica de fundamentos musicais para aplicar nas aulas de violão. As músicas são: “A casa”, de Vinícius de Moraes; “Asa branca”, de Luiz Gonzaga; e “Para não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré. Criamos uma partitura para cada música com o objetivo de facilitar a memorização e ter um material de estudo em casa.

O processo de aprendizado foi dividido em três partes. Primeiro, mostrar como cuidar do instrumento e, para facilitar a comunicação, ensinar os conceitos e nomenclaturas iniciais da música aplicados ao violão, como: nome das partes do violão; numeração e nome das cordas; numeração dos dedos da mão esquerda; nome dos dedos da mão direita; e nome dos acordes representados por cifra.

O segundo passo é a formação dos acordes. É neste momento que aluno aprende a montar os seus primeiros acordes básicos no braço do violão e, na sequência, começa a ter as primeiras dicas de técnica e postura com o instrumento. Essa é uma fase em que o professor deve ficar atento, de modo a evitar lesões e tensões no corpo do aluno. “Desde este início, o aluno deverá ter a sensação de relaxamento de uma forma consciente. Toda tensão deverá ser eliminada desde sua origem.” (PINTO, 1978, página 9). O ritmo é ensinado de forma integrada, mas ainda de maneira sutil, aplicando algumas formas de rasgueado no violão, em que o aluno começa a utilizar a mão direita como membro rítmico para tocar o instrumento.

Na terceira fase, o aluno começa a tocar as primeiras músicas. É quando nos dedicamos ao ensino da leitura das partituras, tendo como conteúdo o ritmo, o compasso, as levadas, os acordes e a forma de cada música. Utilizamos as técnicas do violão percussivo, que contribuem para internalização das levadas rítmicas da guarânia, do baião e do rock. Esta é uma prática que oferece mais naturalidade à execução.

ASA BRANCA - Luiz Gonzaga

Compasso: Binário

Levada: Baião



Intro: | G | 10x

Parte A: | G | G | C | C | G | D | G | G |

Parte B: | G | G | C | C | D | D | G | G | 2x

Partitura de “Asa Branca”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o encerramento das aulas deste período, solicitei aos alunos que mandassem um áudio ou um texto curto contando como foi a experiência deles ao fazer aula de violão. As respostas foram todas positivas, como a da Lila, de 56 anos: “*Bom dia, professor! Então, sobre as aulas de violão, sempre achei que não conseguiria tirar nada do instrumento; me surpreendi, porque entendi que não há idade para aprender, mas alguém com paciência e boa vontade para ensinar*”.

Entre os benefícios mais comuns apontados pelos alunos que quiseram falar sobre as aulas, temos: a ajuda na autoestima, a diminuição do estresse e da ansiedade e o aumento da concentração.

REFERÊNCIAS

PINTO, Henrique. **Iniciação ao violão**: princípios básicos e elementares para principiantes. São Paulo: Ricordi, v. 1, 1978.

PARA ACOMPANHAR OS VIOLÕES

https://www.instagram.com/tv/B-vpfzMDI3P/?utm_source=ig_web_copy_link

(vídeo com depoimento dos alunos do CADOM sobre as aulas de violão)

https://www.youtube.com/watch?v=BqnH9UXO4CM&t=152s&ab_channel=Cia.daGente

(vídeo da aula 1 para iniciantes, gravado para as atividades remotas de 2020)



Dieiny Gonçalves
Aluna da UFOP e
bolsista do Cia da Gente

Luisa Doné
Aluna da UFOP e
bolsista do Cia da Gente

Coral Canto da Gente: Musicalização, crianças e comunidade

Em 2018, o Projeto de extensão Cia da Gente, instituído pela Fundação Gorceix, iniciou um trabalho de musicalização por meio da criação de um coral infantil recentemente nomeado “Canto da Gente”. O coral é sediada na Igreja Nossa Senhora de Lourdes, na Paróquia Cristo Rei, localizada no bairro Bauxita, em Ouro Preto. O grupo, composto de meninos e meninas de 5 a 13 anos, conta com aproximadamente 25 alunos. Em 2018, foi coordenado por duas professoras e alunas bolsistas: Gabriele Lima e Luisa Doné. As aulas são realizadas às segundas e quartas-feiras, das 18 às 19 horas.



Inicialmente, procurou-se desenvolver uma didática que fugia da formalidade da música, apresentando elementos musicais de forma lúdica, com o intuito de facilitar a internalização de tais conteúdos abordados durante as aulas. Por meio de atividades que estimulavam a música e o movimento, foram realizadas lições com total interação dos alunos entre si e com as atividades propostas. Dessa forma, foi trabalhada a importância da união de um grupo, mostrando também a relevância do comprometimento e da responsabilidade.

O compromisso com o grupo refletiu no comportamento de cada uma das crianças nos âmbitos familiar e escolar, o que foi relatado por parte de responsáveis e ajudantes voluntários do grupo.

Algumas das atividades utilizadas em que obtivemos maiores resultados foram as cantigas de rodas, campeonato de grave e agudo e apresentações em sala de aula. As cantigas de roda são realizadas formando uma roda e, aleatoriamente, cada aluno sugere uma ação para ser realizada durante a música que está sendo cantada; por exemplo, bater palma, pular no ritmo, sentar, dançar, etc. Assim, observamos que essa ação estimula o movimento, a atenção aos comandos e o próprio canto. O campeonato de grave e agudo surgiu com a necessidade de ressignificar a competitividade dos alunos, levando-a ao âmbito do aprendizado. Esse campeonato é uma atividade na qual, depois de ouvirem o som, os alunos têm de indicar, por meio de movimentos corporais, se o som é agudo, médio ou grave. Com isso, conseguimos

um maior nível de atenção dos alunos, além de trabalhar a percepção a musical.

As apresentações em sala de aula surgiram naturalmente a partir da necessidade das crianças de levarem um pouco de sua vivência musical para o grupo. Tal proposta é direcionada pelas próprias crianças: elas escolhem a música, criam a coreografia e decidem como será a apresentação. Cabe a nós, a partir dessa iniciativa, estimular o reconhecimento como artista em cada um e orientar os outros alunos a se comportarem como plateia respeitosa e consciente. É uma experiência muito surpreendente, pois alunos dos mais tímidos aos mais desinibidos participam da proposta.

A princípio, a equipe tinha como meta formar não somente músicos, mas cidadãos com responsabilidade ética e autocrítica. E foi isso que deu origem ao nome do projeto de 2018: “Música e Cidadania”. A intenção foi construir um processo de aprendizado divertido e eficaz. Assim, partindo da ideia proposta, providenciamos atividades que despertavam o prazer de atuar como cantor em conjunto, o sentimento de capacidade e a autorrealização como artista. Com isso, obtivemos diversas respostas positivas, como liberdade de expressão artística, criatividade em idealizações de atividades sugeridas, composições e diversos outros benefícios.

Outro foco durante o trabalho foi envolver a música no dia a dia das crianças, demonstrando a importância da arte na vida do ser humano por meio de explicações sobre o assunto e das próprias atividades realizadas em aula.

Além de exercícios pensados para a musicalização e seus benefícios às crianças, um repertório com músicas sugeridas e escolhidas por elas foi montado e trabalhado durante o período de 2018, que foi o primeiro ano em que o coral fez apresentações externas. Ademais, os alunos da matéria Políticas Públicas na Área de Música, da UFOP, fizeram um documentário cujo tema foi o coral e seu impacto na comunidade e na vida das crianças. Depois da execução desse material, houve a possibilidade da criação de um release em vídeo do coral Canto da Gente, projeto que demonstrou um crescimento significativo.

Dando continuidade ao trabalho, em 2019, além de intensificarmos o processo de musicalização das crianças, elaboramos o projeto “Música e Interação”. O foco principal foi proporcionar a interação das crianças com outras formas de fazer arte e com as demais institui-

ções atendidas pelo Cia da Gente, como APAE, Lar dos Idosos e Pastoral do Menor e do Adolescente. A instituição buscou, ainda, travar um diálogo entre a música e outras manifestações artísticas como o teatro e as artes plásticas, proporcionando aos alunos maior entendimento e vivência artística.

Durante o período de 2019/1, houve o ingresso de uma nova bolsista chamada Dieiny Kelly Gonçalves, aluna do curso de música da UFOP. Trabalhando no coral Canto da Gente com a bolsista Luisa Doné, ela relatou:

“...Foram-me apresentados vários ensinamentos como: o jeito de lidar com as crianças, a forma de chamar a atenção delas, de fazer com que elas aprendam e progridam a cada dia. Cada aula foi única e especial.”

Dieiny também declarou que as maiores dificuldades encontradas foram: prender a atenção das crianças às atividades propostas, despertar nelas o desejo de cumprir todas as atividades e fazer com que elas ficassem em silêncio em momentos essenciais. Contudo, as bolsistas conseguiram sanar, em parte, essas questões propondo algumas atividades diferenciadas ou com a troca de propostas entre elas e as crianças. Uma proposta pensada para minimizar tais dificuldades foi a realização de alguns acordos com os alunos. Por exemplo: se eles cumprissem o que foi proposto e se comportassem, poderiam apresentar, no fim da aula, uma música de livre escolha. As professoras continuaram procurando formas para sanar essas dificuldades por completo.

Com a vivência no coral, foi observado que as apresentações e o lidar com público se tornaram uma forte motivação para que as crianças demonstrassem seriedade e responsabilidade nos ensaios. É de suma importância que os frutos do trabalho realizado por elas sejam compartilhados com a comunidade por meio das apresentações internas e externas. Dessa forma, efetiva-se a interação do coral com a sociedade.

Com a intenção de promover inclusão social por meio da vivência musical, o coral Canto da Gente, com mais de três anos de existência, já colhe os frutos de uma relação de troca positiva com a comunidade local. As bolsistas do coral, com participação ativa e colaboração dos membros de outras instituições do Projeto de Extensão Cia da Gente, seguem experienciando e comprovando os impactos positivos de um coral infantil, seja no âmbito geral, seja no pessoal.



Apresentação do coral Canto da Gente no evento Dia da Gente - Ouro Preto (MG) - 2019





Bárbara de Fátima
Aluna da UFOP e bolsista do Cia da Gente

Jennyffer Teixeira
Aluna da UFOP e bolsista do Cia da Gente

Victor Ferreira
Aluno da UFOP e bolsista do Cia da Gente

importância do protagonismo artístico nas instituições de longa permanência

Este artigo destina-se a relatar a experiência extensionista do projeto Cia da Gente no Lar São Vicente de Paulo de Ouro Preto e refletir sobre ela. A instituição dedica-se ao abrigo e aos cuidados de idosos em situação de vulnerabilidade. Hoje são atendidos cerca de 60 idosos. O projeto Cia da Gente atua no Lar desde 2005, visando ao desenvolvimento de atividades culturais voltadas para música, teatro e pedagogia.



O Lar é uma instituição beneficente, mantida por doações e auxílio público municipal e, embora ofereça proteção aos seus atendidos, o que se percebe é que a institucionalização de sujeitos dentro de lares de longa permanência levam à uma perda gradativa de autonomia, o que nos inspirou a escrever este artigo abordando a importância do protagonismo dos idosos nessas instituições.

Quando entramos no Lar, nos deparamos com uma rígida rotina a ser seguida. Acordar, tomar banho, tomar café; horário para o suco, o almoço, o lanche da tarde, o jantar; por fim, o momento de recolhimento. Essa rotina começa às 5 horas e termina por volta das 18 horas. Os dias se baseiam em uma rotina que não pode ser mudada e que contempla itens básicos para subsistência (alimentação, cuidados médicos e higiene pessoal). É muito importante ressaltar que esse relato não está embutido de críticas. Nosso objetivo é elucidar melhor como funciona o dia a dia em um lar de longa permanência. Achamos importante frisar isso porque, quando convivemos diariamente em um ambiente como esse, nos deparamos também com as dificuldades e o empenho para cuidar de idosos.

No Lar São Vicente de Paulo de Ouro Preto, são atendidos cerca de 60 idosos, que são cuidados por uma equipe extremamente reduzida. E a rotina é necessária justamente para que o atendimento seja feito a todos. Por isso acreditamos que nossas atividades artísticas entram como um respiro, ainda que dentro da rotina, sendo um diferencial poético que muda um pouco a homogeneidade de todos os dias.

Trazemos essa contextualização da rotina do Lar para que fique mais visual, mais claro, que a institucionalização está diretamente ligada à perda de autonomia e de protagonismo da vida. Infelizmente, os sujeitos ali presentes tendem a se ocultar, se isolar, silenciar, visto que estão em um lugar impessoal, em que tudo deve se dar em um coletivo de pessoas que não se conhecem e que estão passando por uma situação muito íntima de abandono.

Portanto, em nossas atividades, tentamos fazer emergir as vozes que foram sendo podadas e ocultadas. Lembramos que, para além das funções fonoaudiológicas e anatômicas, nós ouvimos múltiplas vozes: as que se apresentam em um desenho, em um olhar, em um canto; aquelas que se manifestam no artesanato, na brincadeira, na interpretação teatral; e até mesmo as que surgem no silêncio. Consideramos voz toda conexão e interação.

Para ressaltar a importância do protagonismo nessa instituição, traremos aqui um relato de experiência que nos mostrou que esses idosos têm muito o que falar, muito o que expressar; e que a apatia habitual do ambiente está muito ligada ao costume e à falta de incentivo, mas nunca à falta de capacidade ou falta do que ser dito ou expressado. Essas pessoas são detentoras de histórias, de saberes, de gostos, de vontades e necessitam compartilhar tudo isso para se reafirma-

rem e se sentirem mais pertencentes e acolhidas no espaço do Lar São Vicente de Paulo.

Pensando nisso, no dia 10 de dezembro de 2019, propusemos um show de talentos em comemoração ao Natal. Vários idosos participaram, cantaram. Foi lindo ver vozes tão escondidas aparecerem e preencherem a sala onde o evento foi realizado.

Para que houvesse uma apresentação de Natal, tivemos uma preparação, com ensaios e escolha das músicas. Cada idoso escolheu o que cantaria, revelando o motivo e o significado daquela música em sua vida. Os ensaios vieram para que cada um superasse a vergonha e o medo, se sentisse um grande cantor e se familiarizasse com o palco, o microfone e a plateia no dia da apresentação. Foram momentos de distração e de diversão que transformaram um pouco a rotina do Lar.

Vimos em cada música, em cada apresentação, resurgir memórias, crenças, vida. Vimos muitos idosos ouvindo um ao outro pela primeira vez, conhecendo aqueles com quem dividem a morada. E esse é um fator importante também a ser explanado. Embora as pessoas ali vivam no mesmo ambiente, elas raramente convivem umas com as outras. Mulheres e homens são separados por alas que não se relacionam; e mesmo entre pessoas do mesmo gênero, a proximidade é mínima. Normalmente se conversa mais com quem se divide o quarto; não existe uma convivência ampla entre os atendidos. As atividades desenvolvidas pelo Cia da Gente são cruciais, até mesmo para propiciar esses momentos de maior familiaridade e para atenuar os efeitos de um isolamento extremo.

Nessa comemoração de Natal, além de colocá-los em um mesmo ambiente e incentivar o entrosamento, cada um pode ver o outro no palco, em evidência, com seu talento e suas vulnerabilidades, ou seja, com sua história. Foi lindo vê-los se reconhecendo, se respeitando, se mostrando e sendo protagonistas. Nesse dia apresentamos também uma peça teatral. Uma das idosas do Lar comentou com nossa equipe que sempre quis se casar, o que já era de se imaginar, já que, cada vez que alguém aparecia, ela logo pedia uma revista de noiva. Perguntamos para ela se o casamento poderia ser realizado em forma de teatro e ela de pronto aceitou. Ensaiamos com ela e realizamos o “casamento”. Foi emocionante. Ela não deixou sequer o “noivo” pronunciar os votos; ela disse os votos na sua vez e os repetiu na vez dele, tamanha era sua alegria e satisfação em proferir aquelas palavras.

A arte de atuar é libertadora. Você pode realizar tudo em arte; sua imaginação é o limite. Augusto Boal, teatrólogo brasileiro, dizia que:

“O teatro é a primeira invenção humana, a que permite e promove todas as demais invenções. O teatro nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo e, a partir desta descoberta, começar a inventar outras maneiras de obrar. Descobre que pode ver-se

no ato de ver, ver-se em ação, ver-se em situação. Vendo-se, compreende o que é, descobre o que não é e imagina o que pode chegar a ser. Compreende onde está, descobre onde não está e imagina onde pode ir. Se cria uma composição tripartida: o eu-observador, o eu-em-situação e o eu-possível” (o não-eu, o Outro - Boal, 1996, página 27).

Acreditamos que esta experiência tenha sido relevante também neste âmbito de ampliar olhares e dar maior capacidade para que cada um compreendesse a si mesmo, suas capacidades e suas possibilidades. E tal vivência é muito importante, porque o Lar tende a restringir muito as possibilidades, mas não a destruí-las. Ainda é possível viver muitas experiências neste local. Por isso nós, do Cia da Gente, tentamos levar essas práticas e mostrar que existe um eu-em-situação, mas também um eu-possível ali dentro.

Boal diz ainda que o teatro é político e terapêutico. A citada experiência no Lar perpassou também essas duas bases do fazer teatral. Foi político, porque revelou sujeitos e quereres, suscitou respeito pelo outro, suscitou convivência e liberdade; e foi terapêutico porque trouxe sonhos à tona, trouxe empoderamento e autonomia. Nenhuma apresentação teve uma qualidade técnica extrema, mas todas tiveram uma importância imensurável, transformaram o ambiente. Os idosos não queriam parar de cantar, queriam se apresentar mais de uma vez, porque eles se sentiram ouvidos e acolhidos.

A reação dos idosos ao final do show de Natal foi maravilhosa. Percebemos o quanto eles ficaram felizes ao

estar livres para se expressar. Descobrimos verdadeiros talentos escondidos atrás de um olhar distante, de uma inibição ou mesmo de uma descrença em si mesmo. Ao subir no palco, eles nos mostraram como a música, o teatro e a arte em geral podem ser o verdadeiro remédio. E foi a partir daí que tivemos inspiração para implementar o show de talentos mensalmente no Lar. Esta se tornou uma proposta concreta do nosso projeto anual de 2020. Infelizmente, não pudemos colocá-la em prática devido à crise de saúde sanitária instaurada pela pandemia de Covid-19, que interrompeu nossas atividades presenciais na instituição por tempo ainda indeterminado. Mas, assim que retornarmos, incentivar o protagonismo desses idosos por meio dos shows de talentos será uma das nossas prioridades, visto a transformação que a experiência provocou no ambiente e, principalmente, nas pessoas que a vivenciaram.

Outro momento no qual se viu o protagonismo desses idosos foi o dia da seleção para novos integrantes na equipe de bolsistas do Cia da Gente. A seleção para o Lar aconteceu no dia 10 de março de 2020, pouco antes da paralisação por conta da pandemia. Victor de Jesus, candidato aprovado nessa seleção e um dos autores deste artigo, pode vivenciar e perceber a importância do protagonismo nas atividades desenvolvidas pelo Cia da Gente. Motivo pelo qual traremos também um breve relato dessa experiência.

Naquela manhã, assim como em várias outras, os idosos foram levados a uma sala da instituição de modo a participar das atividades propostas pelos bolsistas.

Mas, desta vez, pelos candidatos da seleção. A proposta foi a adaptação de uma das 75 atividades do livro “Ouvir Cantar”, de Schafer: pensar em qualquer animal e tentar apresentar o nome próprio representando o animal pensado. O protagonismo se mostra no momento em que se percebe que quem dita as regras da atividade, a duração e seu desenvolvimento são os idosos. Então, uma prática que parecia ser bem simples, mas não banal, se torna desafiadora para quem executa e para quem propõe. Assim, os idosos se divertiram pensando nos animais que gostam ou que já tiveram no passado, participando da adaptação de uma atividade que acabou tendo de se flexibilizar, ainda mais, conforme as limitações e as particularidades de cada participante.

Essa atividade trabalha o protagonismo porque permite a cada idoso a oportunidade de falar, de participar e de ser o personagem principal em determinado momento do jogo. Isso fortalece a importância individual e coletiva de trabalhar o ato de compartilhar, de escutar e de respeitar o tempo e a forma de cada um se expressar. Quando entramos em um ambiente como o do Lar para trabalhar arte e pedagogia, temos de aprender a valorizar cada pequena conquista. Ali, lidamos com inúmeros idosos, com inúmeras limitações, patologias, sequelas, mas também – e principalmente – com inúmeros indivíduos, subjetividades, histórias e vivências.

No Lar, o tempo ganha outro significado, outra contagem. Uma das irmãs responsáveis pela coordenação da instituição costuma dizer que entramos lá para aprender a ter paciência. E é mesmo necessário ter paciência e não esperar resultados exorbitantes; é importante se deixar surpreender pelo processo, se deixar aprender com o processo. O protagonismo não acontece de uma hora para outra. É preciso estabelecer laços, confiança, afeto e respeito. É preciso instaurar um espaço de partilha e de entrega, como uma sala de ensaio, onde nos entregamos sem medo, sabendo que estamos ali em comunhão.

Não enxergamos nosso trabalho no Lar como apenas educacional, embora, é claro, haja conteúdo pedagógico, planejamento e objetivos concretos envolvidos nas práticas que desenvolvemos (trabalhar coordenação, memória, cognição, sensibilização). No entanto, nosso trabalho está para além da arte-educação, porque estamos em um espaço não formal que nos apresenta necessidades diversas.

Nós, acima de tudo, partilhamos; partilhamos nossas vivências artísticas, pessoais e pedagógicas com os idosos, enquanto eles partilham suas vivências conosco. Trabalhamos pela troca, pelo respeito mútuo e pelo afeto.

REFERÊNCIA

BOAL, Augusto. *O Arco-íris do Desejo: o método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. 220p.





Larissa Sônia Pereira
Aluna da UFOP e
bolsista do
Cia da Gente

Laureanne Laissa Reis
Aluna da UFOP e
bolsista do
Cia da Gente

O papel da mediadora através da arte

O projeto Cia da Gente atua no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) de Ouro Preto desde março de 2015, oferecendo atividades arte-educativas, como Música, Teatro e Educação, a crianças e adolescentes usuários do serviço municipal de saúde mental. A instituição presta atendimento ao município e a seus distritos e tem por objetivo oferecer assistência ampla e integrada – composta de cuidados clínicos psiquiátricos e reabilitação psicossocial e educacional – aos pacientes e seus familiares. O trabalho executado pela equipe do Cia da Gente, além de reforçar o trabalho já realizado pelos profissionais do CAPSi, conta com atividades propostas por três bolsistas dos cursos de Artes Cênicas e Música.



Na maioria dos casos, as crianças são encaminhadas à instituição a partir de dificuldades escolares ou de diagnóstico feito depois de consultas especializadas. Quando o profissional enfrenta dificuldades para dar apoio ao aluno que requer uma atenção especializada, o mediador entra em ação, dando suporte e facilitando sua inclusão com estratégias que estimulem seu desenvolvimento. A ideia do projeto é adequar as tarefas às necessidades encontradas, sempre de forma prática, lúdica e sensorial.

O CAPSi visa à promoção da saúde de seus usuários. A metodologia utilizada para isso é o “plano terapêutico”, no qual um cronograma de atividades é articulado por todos os profissionais envolvidos (psiquiatra, psicólogo, enfermeiro, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, psicopedagogo e assistente social), observando as necessidades e/ou especificidades físicas, psicológicas e sociais de cada indivíduo. Portanto, a função da instituição é contribuir para o bem-estar e a aprendizagem de crianças e adolescentes.

Este trabalho foi desenvolvido com a perspectiva de auxiliar no processo de inclusão dos atendidos do CAPSi de Ouro Preto. É importante salientar que todas as intervenções propostas pela equipe do Cia da Gente são feitas em grupo, com atenção direcionada às especificidades de cada atendido. Mediamos o grupo, facilitando a interação entre as crianças e contribuindo para direcioná-las na execução de tarefas rotineiras. Isso é feito de acordo com as atividades propostas por nós, bolsistas, tendo sempre a arte como ferramenta de inclusão.

Auxiliar na união do grupo e fazer com que os atendidos compreendam as suas necessidades e as do próximo é uma tarefa fundamental, pois, a partir desse reconhecimento, conseguimos fazer com que as crianças se auxiliem em determinadas atividades, criando autonomia e sentimento de pertencimento. Assim, elas ajudam o próximo, aceitam ajuda e contribuem umas com as outras, numa atitude recíproca. *“Estejamos juntos, façamos coisas juntos: passear, cantar, jogar, pesquisar, comer, cozinhar, conversar... Mas não apenas para passar o tempo. Para construir ligações entre as pessoas, os lugares, os fazeres...”* (RESENDE, 2015 apud RODRIGUES, 2016, página 38).

Refletindo sobre a mediação na inclusão por meio da arte, a equipe montou, em 2019, um projeto cujo objetivo era construir uma história coletiva, criada pelos atendidos com base em suas vivências, partindo de estímulos dados pelas mediadoras. Num primeiro momento, foi confeccionada, com as crianças, uma “caixa de histórias” – nela continha objetos e instrumentos musicais feitos de materiais reciclados. A proposta era que, a partir de tais objetos e dos sons reproduzidos pelos instrumentos, a história fosse criada. E assim foi feito. Todos contribuíram para a construção, usando os sons e os objetos como estímulo de criação, sem julgamento, já

que a imaginação alcança um lugar mágico, onde nada é errado, onde tudo é possível.

O próximo passo foi a confecção de um livro, no qual os atendidos usaram recortes de jornais e revistas para escrever a história. Essa atividade foi feita com o auxílio das bolsistas/mediadoras, buscando a inclusão dos atendidos nas tarefas sugeridas, visto que alguns tinham dificuldade em determinadas execuções. No entanto, esse desafio não foi visto como um “problema”. A mediação incentivou a contribuição de todos os integrantes do grupo, o que foi de extrema importância. Se algum dos atendidos tivesse dificuldade em uma atividade, ele sabia que o outro componente/colega poderia auxiliá-lo. E, a partir desse companheirismo e dessa troca, o trabalho foi realizado. Pensamos também nas contribuições que cada um poderia oferecer para a atividade e os estimulamos, compreendendo que cada indivíduo tem uma habilidade que deve ser explorada e estimulada.

“Devem ser desenvolvidas, no campo da saúde mental, ações que visem um empoderamento pessoal e coletivo, combatendo os preconceitos de incapacidade e periculosidade construídos historicamente” (RESENDE, 2015 apud RODRIGUES, 2016, página 37).

A história criada pelo grupo não foi apenas uma atividade desenvolvida. Com ela, conseguimos gerar inúmeras interações: pequenas encenações, inserções de músicas que tivessem a ver com o tema, brincadeiras e criação de um minicenário. Assim, compreendemos que a comunicação pode se dar de diversas maneiras, não somente pela ação verbal. A arte é fundamental para a expressão; por isso sua importância no atendimento psicossocial. O que seríamos sem as pinturas, sem os desenhos, que propiciam viagens a mundos desconhecidos? O que seríamos sem a música presente no canto dos pássaros, nas palmas que são dadas, no riso das crianças?

“Através das artes, da música, do movimento corporal ou do jogo lúdico, pode-se transmitir profundos sentimentos” (MARTINS, 2012 apud RODRIGUES, 2016, página 40).

Portanto, nossa tarefa na instituição é servir como elo entre o grupo e as atividades propostas. E, dentro dessa palavra “grupo”, nos incluímos, pois ali se torna também o nosso espaço de interação, de brincar, trocar e aprender.

As brincadeiras são de extrema importância para a formação do sujeito e, apesar de não haver, neste artigo, um aprofundamento do assunto em si, é interessante notar que esse tema, fundamental no nosso trabalho dentro da instituição, vem sendo pesquisado desde os grandes filósofos. Aristóteles (384–322 a.C), por

exemplo, acreditava que os jogos e as brincadeiras não eram apenas passatempo, mas atividades importantes para a preparação das crianças para a vida em sociedade. Esse pensamento serve de guia para as nossas propostas, visto que a brincadeira e a ludicidade podem ser uma ferramenta potente de mediação, pois, na brincadeira, a criança ou o adulto (porque os adultos também podem e devem brincar) desenvolve diversas habilidades, pessoais ou em grupo.

Salles (2012) afirma que essa “rede social” – propiciada pela convivência em grupo dentro da instituição – é de extrema importância, pois possibilita a organização da identidade do sujeito. Dessa maneira, a rede de relações que oferece suporte a uma pessoa na sociedade não fica restrita à família, mas se amplia para relações externas, presentes na comunidade.

O trabalho da mediação dentro do CAPSi deve possibilitar a expressividade do atendido e auxiliar na formação de vínculos, “*seja entre pacientes e a instituição ou os técnicos, seja entre os pacientes e os ‘fazeres’ ou entre os próprios pacientes uns com os outros*” (RODRIGUES, 2016, página 41).

O acompanhamento feito pelos mediadores se fundamenta em três pilares, de acordo com Miranda (2009): a disponibilidade para acolher o paciente em sua singularidade, a permanente relação de confiança e a continuidade dos cuidados. Essa mediação do cotidiano tem como intuito facilitar o processo de ampliação de possibilidades de contato com o mundo social e, ao mesmo tempo, fazer com que o sujeito consiga habitá-lo de modo mais confortável, uma vez que encontra algum espaço para suas experiências e percepções singulares (RODRIGUES, 2016, página 46).

Esse espaço de troca criado dentro da instituição traz benefícios não apenas para os atendidos, mas também para os profissionais e para nós, estudantes. Aprendemos a escutar o não dito, a dizer sem falar, a enxergar e não apenas ver, a flexibilizar, a ter empatia e tentar ajudar, contribuir e trocar, que é o mais importante. Afinal, quem somos nós? Pessoas que estão a fim de aprender; e o aprendizado não tem nome, forma, classe social ou etnia. Para aprender, é necessário se abrir e trocar com cada pessoa que cruza o nosso caminho. E, dentro do CAPSi de Ouro Preto, esse aprendizado é constante.

Embora a inclusão seja um direito garantido por lei, principalmente quanto à acessibilidade e permanência do aluno com necessidades especiais, a realidade é que a grande maioria não consegue realmente estar em determinados lugares por não haver adaptações necessárias. Para falar de inclusão, é necessário compreender a exclusão, pois só depois de ocasiões discriminatórias é que surge a necessidade de incluir. No Brasil, as ações inclusivas começaram no século XIX, com a criação de duas instituições: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atual Instituto Benjamin Constant (IBC), e o Instituto dos Surdos-Mudos, em 1857, hoje denominado Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES), ambos no Rio de Janeiro (MEC/SEEP, 1994).

O êxito desse trabalho está na transformação das dificuldades em aprendizado, o que contribui para a integração de crianças e jovens com direitos especiais à sociedade. O mediador também precisa de apoio e da troca com outros profissionais para que de fato a inclusão aconteça, pois, muitas vezes, a falta de preparo o impede de desenvolver atividades nas quais se possa incluir essa criança ou adolescente. As ações efetivas para um ambiente inclusivo são recentes e estão em constante movimentação. Por esse motivo, os profissionais da área correm atrás – na maioria das vezes por conta própria – de capacitações especializadas para um melhor atendimento, dentro de suas possibilidades.

Nós, como estudantes e pensadores inclusivos, por meio dos trabalhos realizados no CAPSi de Ouro Preto, entendemos como a arte pode contribuir para essa inclusão, servindo de conexão entre essa criança/adolescente com necessidades especiais e seu meio social. Compreendemos que a presença de imagens, objetos, instrumentos musicais, narrativas, etc., possibilitam estimular, além dos cinco sentidos principais (olfato, paladar, visão, audição e tato), uma relação emocional e afetiva que só vem a contribuir para a inserção desse indivíduo na sociedade e para a criação de afetos dentro do atendimento proposto pela equipe do Cia da Gente. É por meio dessas atividades que também são desenvolvidos sentimentos como amizade, companheirismo e respeito, que não ficam apenas nos limites da instituição, mas abarcam o externo, o cotidiano dessas crianças e adolescentes.



REFERÊNCIAS

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: SEESP, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192> Acesso em 17 de junho de 2020.

PAULON, Simone Mainieri; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca; PINHO, Gerson Smiech. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>> . Acesso em 17 de janeiro de 2019.

RODRIGUES, Verena Bello. **Efeitos terapêuticos de mediadores no campo da saúde mental**. UniCEUB, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/10347/1/21240132.pdf>> Acesso em 17 jun. 2020.

SALLES, Mariana Moraes; BARROS, Sônia. **Inclusão social de pessoas com transtornos mentais: a construção de redes sociais na vida cotidiana**. Ciênc. saúde coletiva. 2013, vol.18, n.7, pp.2129-2138. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-81232013000700028&lng=es&nrm=1&tIng=pt> Acesso em 17 de junho de 2020.







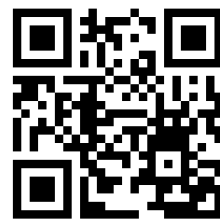
Adan Rodrigues Costa
Aluno da UFOP e
bolsista do Cia da Gente

**Ana Júlia
Pereira Menezes**
Aluna da UFOP e
bolsista do Cia da Gente

**Camilla Aparecida
Rocha da Cruz**
Aluna da UFOP e
bolsista do Cia da Gente

Práticas na Comunidade da Figueira

Este trabalho tem como intuito relatar a experiência do projeto Cia da Gente realizado na Comunidade da Figueira em 2019. A instituição foi fundada na cidade de Mariana em 1990 pelo então bispo emérito Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, em parceria com o casal Antônio e Hilda, com o objetivo de atender pessoas com deficiência (PCDs) em situação de vulnerabilidade social. Atualmente, a Comunidade da Figueira é coordenada por Solange Almeida e atende, em sua sede própria, em Mariana, 65 pessoas – com idades diversas, desde a infância até a idade adulta – e suas famílias.



Inicialmente, reunimos e discutimos como trabalharíamos com PCDs e quais práticas deveríamos pensar para abranger o maior número de atendidos, respeitando as especificidades de cada um. Nossa equipe fez os primeiros contatos na comunidade com os olhos abertos para as logísticas de funcionamento do espaço e as particularidades de cada atendido. Ao trabalharmos com pessoas com deficiência, temos de ter delicadeza e respeito, identificar e entender os limites e as dificuldades de cada um, bem como suas potências, e compreender seus gostos e práticas culturais.

Lembramos sempre que, ao construir atividades, devemos nos empenhar em elaborar práticas que sejam inclusivas. Com isso, criamos profundos questionamentos relacionados à forma como nossas atividades deveriam ser construídas. Sabíamos que não era suficiente apenas o acolhimento. Tínhamos de olhar também as necessidades educacionais com condições efetivas para aprimorar o desenvolvimento de suas potencialidades, tomando sempre o cuidado para que não houvesse exclusão.

ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz” (FREIRE, 2001a, página 99).

Ao observarmos o funcionamento da Comunidade da Figueira, pudemos notar o modo de convivência, a interação, a proximidade de uns com os outros. Constatamos também que, a todo instante, havia uma preocupação do grupo com os sujeitos e suas particularidades. E esse é o ponto fundamental para pensarmos na necessidade e na importância da inclusão social nesses espaços. Ao analisarmos essa consciência de grupo, percebemos o valor do trabalho inclusivo e, consequentemente, aprendemos com cada integrante as melhores formas de construir um trabalho que se adequa à realidade vivida por eles cotidianamente.

Talvez seja interessante pensar nesse caminho quase que “inverso” da inclusão. Por existir, na instituição, uma dinâmica de cuidado de uns com os outros que perdura há 20 anos, nós acabamos por nos tornar, dentro daquele grupo, além de propositores de práticas, uma equipe a mais de amigos para dividir afeto e aprender cuidados, pois a rotina de cuidar já é natural para eles.

Sabemos da dura realidade das condições de trabalho e os limites da formação profissional, mas temos o papel importante como mediadores no processo de ensino-aprendizagem. Na verdade, a inclusão não deve ser vista simplesmente como um fato, mas como um processo, com determinadas etapas, que precisa ser muito bem analisado e avaliado durante sua execução, com responsabilidade e senso crítico. Isso porque, ao pensarmos em práticas inclusivas e no sujeito, temos de exercer nosso papel como arte-educadores de forma justa e solidária, excluindo qualquer tipo de discriminação. É preciso organizar e estabelecer o desenvolvimento de estratégias de intervenção que facilitem a implementação da proposta para que ela seja eficaz.

“O ideal é que na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos, ‘convivam’ de tal maneira com os saberes que eles vão virando sabedoria. Algo que não é estranho a educadores e educadoras” (FREIRE, 2005, página 58).

O reconhecimento do protagonismo dos atendidos tende a fortalecer a identidade individual e coletiva, bem como o respeito ao ato de aprender e de construir, entendendo sempre os limites e valorizando as diferenças.

CONVÍVIO E TROCA DE EXPERIÊNCIAS

Pudemos perceber que a interação e o direcionamento das práticas andavam aliadas com a capacidade e a disponibilidade de cada atendido, tanto em relação à memória quanto em relação à movimentação e à fala de todos, tendo atenção especial aos que traziam mais limitações.

Durante nosso trabalho na Comunidade da Figueira, entendemos a importância do afeto como linguagem principal em um espaço que é construído pelos atendidos. Não há como estar inserido no coletivo ou nos universos individuais (que são muitos e muito fortes) sem sensibilidade, carinho, atenção e respeito. A caminhada até aqui nos trouxe grandes ensinamentos, que, certamente, contribuirão para o nosso futuro profissional. Só conseguimos entender a dimensão do trabalho da Comunidade e de toda a equipe estando próximos o suficiente para dividir momentos; para construir e pensar propostas que não só propiciassem espaços de felicidade e lazer, como também contribuíssem para a evolução de cada um naquele espaço.

Continuamos nos sentindo mais abraçados do que abraçamos. É isso que nos faz pensar na “inversão” dessa inclusão, mencionada anteriormente. Fomos recebidos em um espaço que há duas décadas constrói uma espécie de lar e de casa de trabalhos para PCDs. Um lugar de cuidado, onde todos são acolhidos pelo grupo e transferem a mesma atenção para outra pessoa ou para outro coletivo. Atenção que também nos foi dada.

Nada disso seria possível sem a disponibilidade de todos os trabalhadores e voluntários, que foram imprescindíveis no nosso processo de conhecimento do espaço. Mas é de suma importância ressaltar que o espírito de soli-

dariedade presente em cada um daqueles que compõem a Comunidade, em especial o corpo de atendidos, foi o pontapé inicial para que pudéssemos nos estabilizar e iniciar nossos trabalhos, assim como nossa evolução pessoal e acadêmica.

COM O QUE NOS PREOCUPÁVAMOS ANTES DE REALIZAR A PRÁTICA?

Inicialmente, antes de montarmos as práticas, pensávamos: “Que prática devemos realizar para abranger o maior número de pessoas?” Então, pesquisávamos, assistíamos a vídeos, tirávamos dúvidas com orientadores e professores e pensávamos em algo que desafiasse os atendidos, mas que eles conseguissem realizar. Assim, tínhamos um pouco de clareza sobre como uma atividade deveria ser adequada, se desenvolveria o trabalho em grupo e individualmente.

O segundo passo era encontrar a forma como trabalharíamos: se com música (dança, canto), interpretação (peça de teatro) ou atividades manuais (colorir, fabricar objetos com materiais recicláveis). Depois de decidida essa questão, vinha o terceiro passo: “O que ensinar nesta atividade? Qual conhecimento queremos que os atendidos obtenham?” E o último passo, mas não menos importante: “Que materiais precisamos para tal prática?”

EXEMPLO DE UMA PRÁTICA REALIZADA NA COMUNIDADE DA FIGUEIRA - MÚSICA

As músicas eram apresentadas de duas formas: através de aparelhos eletrônicos, de modo que pudéssemos ficar mais livres para guiar as práticas de dança ou apenas dançar junto com os participantes; e por voz e violão, momento em que todos ficavam mais próximos e exercitavam a voz cantada em grupo ou apenas apreciavam o som. A escolha das músicas acontecia por meio de pedidos ou a partir da exploração de gêneros específicos diversos que atendessem a todos os gostos. Mas sempre ficávamos atentos à escolha de músicas variadas, como cantigas de roda, músicas sertanejas, músicas de ninar, músicas clássicas, ritmos folclóricos, músicas infantis, etc.

A interação e o direcionamento das práticas andavam aliadas à capacidade e à disponibilidade de cada atendido, especificamente quanto à memória, à movimentação e à fala de todos, tendo atenção especial aos que tinham mais limitações. Então, nossas atividades eram programadas a partir das necessidades percebidas nos atendidos. Colocávamos as músicas para aprimorar alguns movimentos que eles tinham mais dificuldade. Nossos objetivos eram: ampliar o repertório musical aproximando a música de suas vivências; proporcionar diferentes possibilidades de exploração dos sons; e favorecer a imaginação e a criação por meio de atividades que englobavam elementos musicais e movimentos corporais.

Havia também uma sala ampla, com pouco mobiliário, que permitia a disposição dos atendidos em círculo e que favorecia

a circulação de todos pelo espaço. Para nossas atividades, eram fornecidos violões, balões, colchonetes e uma caixa de som.

A diversidade no espaço era nítida. Na Comunidade da Figueira, trabalhávamos com autistas, deficientes físicos, pessoas com síndrome de Down, entre outros. Ao conhecer um pouco de cada indivíduo, tentávamos entender em que lugares, dentro de suas condições físicas e psíquicas, podíamos atuar e promover práticas para desenvolver suas potencialidades. Por exemplo, com participantes que tinham limitações físicas e motoras, tentávamos explorar o canto e/ou a memória.

É importante ressaltar que, além de pensarmos o indivíduo, sempre prezamos por tentar construir práticas que abracem todo o grupo. É inegável a transformação da energia coletiva quando a prática envolve música e dança. A interação entre os participantes avançou e conseguimos promover melhores momentos de descontração, tanto entre os participantes mais velhos quanto entre os mais novos. A exploração da dança também contribuiu para o estímulo de exercício corporal (para os que não tinham limitações motoras ou tinham poucas limitações) e gerou um costume de aproveitar os momentos em grupo. Além disso, também foi possível praticar conceitos como ritmo, coordenação motora, foco e atenção.

A conclusão que tiramos dessa experiência é que, antes de propor alguma ação, precisamos estudar o espaço que vamos trabalhar, reunir as ferramentas necessárias para executar nossas propostas e estar atentos na hora de colocar as ideias em prática. Devemos analisar todo o processo e estar abertos a transformações e ensinamentos, pois nosso ideal é que toda prática seja uma troca.

O poder da música movimenta padrões além do corpo. Com essa nossa experiência, percebemos a importância da adição de ritmos e letras significativas nos processos de interação, comunicação e diversão em grupo. Com o auxílio da música, conseguimos trabalhar questões emocionais, o controle da atenção, o foco, o ritmo e a coordenação motora. As práticas executadas criaram momentos importantes entre os participantes, nossa equipe e até mesmo os trabalhadores e voluntários da Comunidade da Figueira.

Entendemos também, como proponentes de práticas, a importância do olhar sempre ativo e sensível, de modo a não deixar que a união, já presente no espaço, se perca em nosso trabalho. É importante estar atento aos detalhes de cada individualidade, mas também saber como fazer com que esse indivíduo se fortaleça no coletivo.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Algumas reflexões em torno da utopia. In: FREIRE,

Ana Maria de Araújo (org.). Pedagogia dos Sonhos Possíveis.

São Paulo: UNESP, 2001b.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.





Thales Lopes
Aluno da UFOP e
bolsista do Cia da Gente

Flu X OS do tempo

*Vamos pintar o dia com bastante alegria,
Ao acordar, deixa a gente entrar no seu lar?
Pois uns abraços queremos lhe dar!
Tantos dias se passaram e eu em casa trancado,
logo pensei em fazer uma viagem dentro do tempo...
E sabe o que eu encontrei?*



As memórias que nos deixam com saudades, mas não posso alimentar tantas faltas e incertezas. Não conseguimos mudar o passado, e o futuro é o agora...

Pegue os pincéis de sentimentos e pinte seus momentos. Refaça sua rotina. Leia um livro de poesia. Pinte suas refeições, pois o cuidar de si está no cuidado do nosso lar. Faça pingos de tinta e espalhe pela casa, colorindo o espaço com nomes, com as saudades dos afetos distantes. Faça desenhos dos sentimentos que surgem diariamente: alegrias, tristezas, incertezas, desejos. Desenhe sonhos e vontades, por mais bobos e incertos que sejam. Eles existem dentro de você.

Desenhe pétalas de carinho e vá reorganizando suas memórias na linha do tempo, compondo o álbum da existência, resignificando a importância do passado, pois somente o tempo constrói os encontros e os desencontros. Não temos o domínio do percurso diante do inesperado; podemos planejar, sonhar, viver, observar, mas não temos acesso aos escombros das construções das relações.

Laços, amizades, amores são cores que precisam ser cuidadas de acordo com o fluxo da vida, mas você pode escolher como organizar os tons. E pintamos tudo o que acreditamos, esquecemo-nos do tempo movidos por nossa existência no mundo, e somos seres humanos.

As relações são heranças herdadas pelo impulso de cada amanhecer dentro das circunstâncias das nossas vivências, sendo atravessadas por momentos e pessoas que nos cercam, sufocam, ajudam, incomodam, mas esquecem que estamos em constante troca; que aprendemos juntos através dos traços pelos quais os fluxos da existência nos levam ao encontro da harmonia do nosso horizonte que compõe rabiscos do lar. Lar que se renova dentro dos segundos dos abraços repletos de encontros e desencontros, que nos deixam as marcas das saudades.

A vida é fluxo regido pela existência do universo. Pintem seus lares. Cuidem das curvas e dobras existentes nos caminhos. Desenhem arco-íris. Pintem o sol, a lua, as nuvens. Criem espaços que somente vocês têm acesso e permitam as entradas e saídas.



Ao lado: desenho do bolsista Thales Lopes, aluno da UFOP e bolsista do Cia da Gente. Thales faz uso de um estilo livre para ilustrar seu texto.

Músicas do Cia da Gente

Se a gente

Ciá, Ciá
(Ciá) gente tiver que...
Ficar longe

Inventamos um jeito
De estar, esquentar o peito
Da Gente
Ciá

Se eu tô contigo
Eu não abro mão (ops...)
Lavo com sabão
Pra cuidar Da gente
Ciá

Ciá, Ciá
(Ciá) gente tiver que...
Ficar longe

Tem professores e bolsistas pela educação e pela arte
Da gente
Ciá

Nesse momento
De isolamento
Pode contar comigo
Pode contar com a gente
Ciá

Ciá, Ciá
(Ciá) gente tiver que...
Ficar longe

Saiba que o nosso abraço
Ultrapassa barreira do espaço
Entre a Gente
Ciá

Cia da Gente
Faz a diferença
Marcando sua presença
No coração da gente
Ciá

Voz: Adan

Mixagem e masterização: Ariston Fortes

Percussão: Bruno Guinú

Clarinete: Laureanne Reis

Voz: Luisa Doné

Composição: Rafael dos Santos

Bateria eletrônica e pandeiro: Renato dos Sinos

Transcrição: Victor de Jesus



Músicas do Cia da Gente

Cia da Gente chegou

O Cia da Gente chegou
Vamos fazer uma festa
Um abraço bem forte
Esquenta o peito
Chama o sujeito
Chega, vem junto somar

APAE tá aí
Tô aqui, tô aqui

Tem CAPSi
Tamo aqui também

Coral e violão
Música no coração

E o Lar veio também
Amor aqui é mais de cem

O Cia da Gente chegou
Vamos fazer uma festa
Um abraço bem forte
Esquenta o peito
Chama o sujeito
Chega, vem junto somar

Hospital, bom dia
Como vai a sua tia?

Onde tá a Figueira?
Planejando a brincadeira

Acabou a chamada
Quanta gente apaixonada

Cia na cidade
Arte e comunidade



Voz: Addaê

Mixagem e masterização: Ariston Fortes

Percussão: Bruno Guinú

Saxofone: Laureanne Reis

Voz: Luisa Doné

Composição: Rafael dos Santos

Agoô e pandeiro: Renato dos Sinos

Transcrição: Dieiny Kelly Gonçalves



Músicas do Cia da Gente

Cia faz diferente

Você que tem amor
no coração
Venha com a gente cantar essa canção
Você que tem amor
no coração
Venha com a gente
fazer a doação

E dê afeto, dê carinho, dê amor
Puxe um sonho de mansinho
Com toda sua emoção
E dê afeto, dê carinho, dê a mão
Ofereça alegria e receba afeição

Cia da Gente, Cia!
Cia da Gente, Cia!
Se acredita, fecha com a gente
A nossa Cia faz diferente...

Lar dos Idosos, CAPSi e Pastoral
Alegria a todo mundo
Até lá no Hospital
E na Apae tem cortejo sem igual
Bate palma, bate o pé
Nesta roda tão legal!

Cia da Gente, Cia!
Cia da Gente, Cia!
Se acredita, fecha com a gente
A nossa Cia faz diferente...

O querer bem, doação natural
Enche o mundo com amor
E inclui o desigual
Em seu ouvido
Escute o tempo que passou
Puxe o fio da memória
Da história que guardou

Cia da Gente, sina!
Cia da Gente, sino!
Cia da Gente, faz diferente
Cia da Gente, faz diferença...



Letra: Gabriela Sanchez, Marco Flávio Alvarenga e Vanessa Teodoro
Vozes: Marco Flávio Alvarenga e Vanessa Teodoro
Arranjo: Álamo Cardoso, Fábio de Pádua e Marco Flávio Alvarenga
Percussão: Álamo Cardoso e Gabriela Sanchez
Flauta: Fábio de Pádua
Sino: Renato dos Sinos
Teclado, Violão e Edição: Álamo Cardoso
Coro: Equipe Cia da Gente (2016)



Glossário da Gente



APAE

NEURODIVERSIDADE

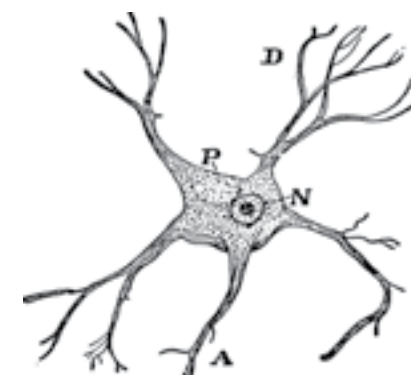
“O termo ‘neurodiversidade’ foi cunhado pela socióloga e portadora da síndrome de Asperger Judy Singer em 1999” (ORTEGA, 2009). Para o professor Francisco Ortega, “o conceito ‘neurodiversidade’ tenta salientar que a conexão neurológica atípica (ou neurodivergente) não é uma doença a ser tratada e, se for possível, curada. Trata-se antes de uma diferença humana que deve ser respeitada como outras diferenças (sexuais, raciais, entre outras). Eles são neurologicamente diferentes, ou ‘neuroatípicos’. Indivíduos diagnosticados com autismo, especialmente portadores da síndrome de Asperger, são a força motriz por trás do movimento. Para eles, como já foi mencionado, o autismo não é uma doença, mas uma parte constitutiva do que eles são.”

SIGNIFICADO AFETIVO PARA O CIA:

Neurodiversidade é diferença, é poder respeitar as características neurológicas de cada um, assim como fazemos com as diferenças sociais, raciais e de gênero. Mesmo sabendo que a discussão é conflituosa entre a busca de uma cura ou não para o transtorno do espectro autista, compreendemos que não se trata de uma doença. O aluno neuroatípico precisa de uma atenção específica tanto quanto um aluno neurotípico. O movimento da neurodiversidade nos faz lembrar que a normalidade é determinada por estruturas sociais e políticas, construídas por uma hierarquia de poder (homens, brancos, ricos, cisgêneros, heterossexuais e neurotípicos). Por isso achamos necessário questionar essas estruturas e debater sobre a diferença.

FONTE: ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. Revista Scielo. Rio de Janeiro. 2009. Acesso no dia 24 de agosto de 2020.

Link<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000100012>



CAPACITISMO

É o nome que se dá à discriminação e ao preconceito social (atitudes praticadas) contra pessoas com alguma deficiência. “Capacitismo é o nome que se dá a atitudes preconceituosas praticadas contra pessoas com deficiência, onde as mesmas são vistas como exceção, como algo a ser superado ou corrigido, e onde também são tratadas como incapazes de cuidar da própria vida e inaptas para o trabalho. A base do capacitismo está em considerar que a deficiência da pessoa a define por completo e a impede de viver em sociedade. Nesse contexto, o capacitismo está para a pessoa com deficiência assim como o machismo para as mulheres, o racismo para os negros, a homofobia para os LGBTQI+.” (Nóbrega, Eli. 2020)

SIGNIFICADO AFETIVO PARA O CIA:

Capacitismo são atitudes ruins praticadas diariamente contra pessoas com alguma deficiência. Esse ato pode prejudicar os estudantes e o nosso trabalho. Por isso, em nossas atividades do dia a dia, é importante conhecer para entender, compreender para não o praticar. Empatia para conviver e perceber para enxergar a pessoa em primeiro lugar e não a sua deficiência.

FONTE: Nóbrega, Elizandra Aparecida. Saiba o que é CAPACITISMO. Blogger Atipicamente Autista, São Paulo, 28 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.atipicamenteautista.com/2020/05/saiba-o-que-e-capacitismo.html>. Acesso em: 19 de jul. de 2020.





A PRÁTICA DE CONJUNTO

É essencial na formação de quem estuda música, seja no aspecto social, seja no disciplinar, pois, ao estimular a realização musical coletiva, a prática de conjunto promove a interação dos estudantes e cultiva neles a consciência das implicações éticas e hierárquicas do trabalho em grupo. Além disso, esse exercício propicia aos alunos diferentes possibilidades para a prática saudável e proveitosa dos instrumentos de sua preferência.

SIGNIFICADO AFETIVO PARA O CIA:

A prática musical em conjunto é compartilhar uma experiência musical de atenção ao outro, de escuta e de inter-relação. Cada participante é fundamental e ajuda o outro a compor o todo. O conjunto partilha as dúvidas, dificuldades e conhecimentos, a experiência de cada um, o prazer em fazer música e o afeto.

FONTE: <http://www.conservatoriodetatu.org.br/cursos/pratica-de-conjunto/>

MUSICALIZAR

É dar ao outro as ferramentas básicas para a compreensão e a utilização da linguagem musical. É apresentar jogos musicais, trilhas sonoras musicadas, canto, rítmica coletiva, tocando instrumentos percussivos e melódicos, para, posteriormente, ajudar o aluno na escolha do instrumento de sua preferência, para só então ele se dedicar mais profundamente. Em outras palavras, musicalizar é despertar e desenvolver o gosto pela música.

SIGNIFICADO AFETIVO PARA O CIA:

Musicalizar não é apenas o processo de construção do conhecimento musical; é despertar, estimular e desenvolver o gosto pela música, contribuindo para a formação global do ser humano. Musicalizar é tornar o ser humano sensível e receptivo aos sons, promovendo o contato com o mundo musical já existente dentro dele e fazendo com que ocorra uma apreciação afetiva e criativa dos sons à sua volta.

FONTE: <https://belas.art.br/como-e-a-musicalizacao-para-adultos/>

CORAL

Relativo a coro. Conjunto de cantores que executam músicas em uníssono (todos os cantores emitindo um mesmo som simultaneamente) ou em várias vozes (todos os cantores emitindo sons diferentes simultaneamente). Exemplo: coros de igreja, coros de comunidade.

SIGNIFICADO AFETIVO PARA O CIA:

Cantar em conjunto é entender o significado de compartilhar, de estar junto em equilíbrio e harmonia com o próximo. É como uma unidade, é comunhão. É quando todas as vozes viram um só som, um só canto, uma mensagem comum. É como se reunir com a família em um almoço de domingo, é como ver os amigos em um sábado ensolarado. Coral é família.

FONTE: FERNANDES, A. J. O regente e a construção da sonoridade coral: uma metodologia de preparo vocal para coros. Tese de doutorado, UNICAMP-IA. Campinas, 2009.



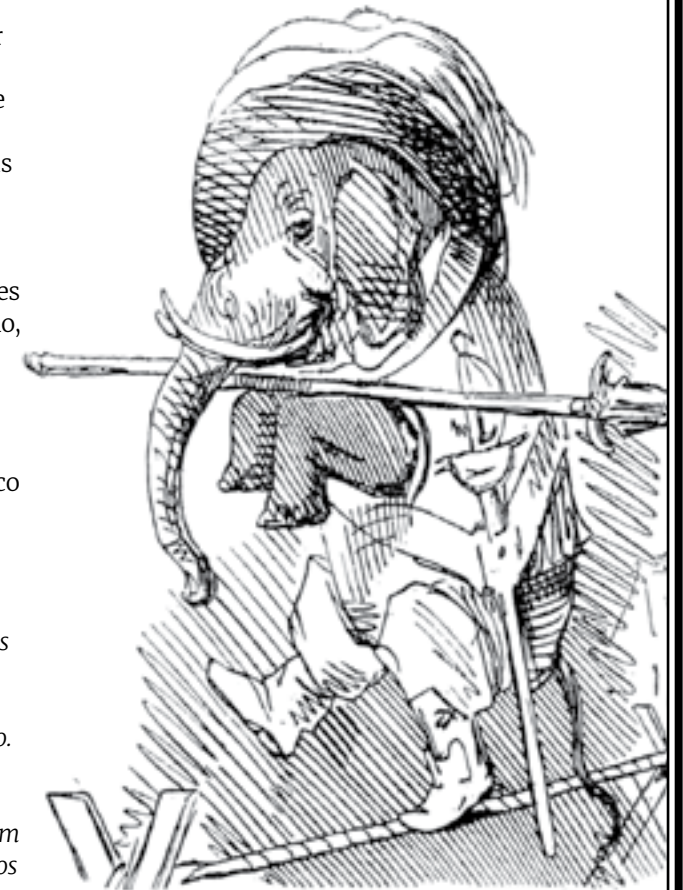
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

“A contação de histórias é uma arte que pode ser desenvolvida por qualquer pessoa que aprecia narrativas, que queira se envolver com elas e que tenha memória. Faz parte da tradição de vários povos desde os mais antigos tempos – narrativas orais são passadas de geração a geração desde o início da humanidade, num movimento incessante de recriação. O contador de histórias cria imagens que ajudam a despertar as sensações e a ativar no ouvinte os sentidos: paladar, audição, tato, visão e olfato. Assim, suas narrativas são carregadas de emoção e repletas de elementos significativos, como gestos, ritmo, entonação, expressão facial, silêncios... Esses elementos proporcionam uma interação direta com o público e implicam improvisação e interpretação”.

SIGNIFICADO AFETIVO PARA O CIA:

Contação de história é mergulhar em um outro mundo, criar possibilidades, viajar sem sair do lugar. É, através da memória de outras histórias, criar a sua própria e torná-la pessoal. Contar histórias é afetivo como o cheirinho de café e bolo, é um momento de comunhão. Contar história é tirar um tempo de preparação de espaço, objetos e músicas, depois propor uma roda, sentar e embarcar em coletividade pelas páginas de um livro, pela voz de um narrador, pelos elementos sonoros e visuais propostos.

FONTE: Termo de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores” escrito por Maria Elisa de Araujo Grossi. < <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/contacao-de-historias>



ESTÍMULO CRIATIVO

“Criatividade é a capacidade de inovar e de superar obstáculos de forma surpreendente.” Todas as pessoas têm o poder da criatividade, mas nem todas recebem ou percebem um estímulo para colocá-la em prática no dia a dia. As crianças demonstram mais suas aventuras e ideias por serem mais expressivas e autênticas. Permita-se viver experiências fora da sua rotina e que possam agregar valor; inspire-se nos pequenos e cante e ouça boas músicas; trace rotas alternativas, repare nas árvores e nas plantas, nas cores e na luz.

SIGNIFICADO AFETIVO PARA O CIA:

Cantarolar, olhar presente, pensar fora da caixa, se enxergar... Sentir! A novidade é elemento fundamental para a criatividade. Não se permita viver preso a uma rotina sem desafios e emoções. Inspire-se na criança. Refaça o mesmo procedimento de diversas formas, repita a mesma atividade por satisfação, sorria sem motivo, cante com o coração. Uma dica singela? Busque pela emoção, seja uma nova atividade, seja um segundo projeto. Faça algo por você, para você e seja sempre você. Do restante, o universo se encarrega!

FONTE: <https://blog.descola.org/estimule-sua-criatividade-de-10-maneras-diferentes/>





HISTÓRIA COLETIVA

Coletividade, de acordo com o dicionário Oxford Language, define-se como “um grupo mais ou menos extenso de indivíduos que possuem interesses comuns”. No entanto, a definição dada pelo Dicionário Online de Português é: “natureza do que é coletivo, do que contém, abrange ou pertence a várias pessoas ou coisas: a coletividade é a essência da sociedade”. Portanto, uma história coletiva é a criação de uma narrativa em conjunto, na qual não existe a presença de um autor específico, e sim do conjunto.

SIGNIFICADO AFETIVO PARA O CIA:

História coletiva é quando nos reunimos para construir um mundo que ainda não sabemos muito bem como será; é acreditar no outro e no seu potencial; é aceitar as propostas e propor; é rir quando a história está indo para um lado que você não imaginou que iria. A história coletiva é a nossa história, é a história do nosso país, da nossa família, da nossa existência. Não é uma história com elementos solos, mas, sim, parte de um todo, com inúmeras influências e possibilidades infinitas.

FONTE: <https://www.dicio.com.br/coletividade/>
<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>

INCLUSÃO

É o ato de incluir e acrescentar, ou seja, adicionar coisas ou pessoas em grupos e núcleos que antes não faziam parte. Socialmente, a inclusão representa um ato de igualdade entre os diferentes indivíduos que habitam determinada sociedade. O movimento mundial pela inclusão na Educação parte do princípio de que é direito de todos os alunos e alunas estarem juntos, aprendendo, participando e compartilhando suas experiências.

Trata-se de uma ação política, cultural, social e pedagógica para oferecer melhores oportunidades de aprendizagem e interação com o meio escolar e social. Nesta perspectiva, visa-se construir políticas públicas que garantam e promovam uma educação de qualidade para todos.

SIGNIFICADO AFETIVO PARA O CIA:

Inclusão vai além de uma simples socialização. É abraçar e acolher os desafios que nos fazem crescer. Para a criança, é um “mundo novo,” cheio de possibilidades e descobertas. Por isso o adulto deve mediar e orientar. No entanto, para nós, educadores, é o despertar de uma vida, pois o olhar sensível e singelo nos proporciona mais coragem, sensibilidade e amor. A rotina fica mais desafiadora, mas é um desafio repleto de gratidão e recompensas, pois não existe alegria maior que ver uma criança sorrir e crescer sendo autêntica e única.

FONTE: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducacional.pdf> – Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008 –

COMUNIDADE DA FIGUEIRA

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

“A educação não formal é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos.”

SIGNIFICADO AFETIVO PARA O CIA:

Como a Comunidade da Figueira não é um espaço escolar, o ensino oferecido pela instituição é considerado não formal.

Isso nos permite chegar mais perto dos sujeitos, dando mais liberdade de expressão,

de comunicação e de criatividade, além de acolhimento e carinho mútuos. Fora da formalidade tradicional escolar, conseguimos acessar outros “espaços” das pessoas atendidas, como seu cotidiano, sua realidade familiar, seus problemas e suas conquistas do dia a dia. Transformamos as práticas que elaboramos em lugares de afeto, atenção e cuidado.

FONTE: GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006, p. 27-38. <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>

DEMÊNCIA

A demência é uma síndrome clínica decorrente de doença ou disfunção cerebral, de natureza crônica e progressiva, na qual ocorre perturbação de múltiplas funções cognitivas, incluindo memória, atenção e aprendizado, pensamento, orientação, compreensão, cálculo, linguagem e julgamento. O comprometimento das funções cognitivas é comumente acompanhado, e ocasionalmente precedido, por deterioração do controle emocional, comportamento social ou motivação. A demência produz um declínio apreciável no funcionamento intelectual que interfere com as atividades diárias, como higiene pessoal, vestimenta, alimentação, atividades fisiológicas e de toalete (BRASIL, 2006, p. 108).

SIGNIFICADO AFETIVO PARA O CIA:

Mais uma vez, achamos importante ressaltar que, antes de mais nada, nós nos relacionamos com pessoas. Não importa se ela foi diagnosticada com algum nível de demência ou não; ela é completamente capaz de estabelecer relações, de praticar arte e de desenvolver afetos. E é isso o que nosso trabalho pretende. A demência é uma parte secundária. Por isso, vamos buscar atividades artísticas e pedagógicas para auxiliar nos tratamentos e estimular a cognição e memória. Mas tudo parte da relação de humanização.

FONTE: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALZHEIMER. ABRAZ. Demência. In: Demência. Digital. Disponível em: <http://abraz.org.br/web/sobre-alzheimer/demencia/>. Acesso em: 25 ago. 2020.

LAR

Segundo os dicionários Michaelis e Priberam, a palavra “lar”, além de ser definida como uma instituição que fornece assistência a um grupo de pessoas, também carrega um significado mais delicado, pois é descrita como terra natal ou um lugar em que mora uma família. Um contraste com definição atribuída à palavra asilo: um lugar que abriga e sustenta pessoas em condições de abandono, pobreza, velhice e doença mental.

SIGNIFICADO AFETIVO PARA O CIA:

É o local onde trabalhamos, onde fazemos arte, onde conhecemos pessoas, onde estabelecemos trocas, afetos, partilhas, experiências, vivências. É o local que nos transforma cotidianamente e que nos torna mais humanos. É o local que nos faz repensar na vida, que nos tira de um dia ruim. O local que nos recebe com um radiante sorriso vazio e um aceno de mão e nos faz esquecer de todos os problemas.

SENESCÊNCIA

A senescência abrange todas as alterações produzidas no organismo de um ser vivo – seja do reino animal, seja do vegetal – e que estão diretamente relacionadas à sua evolução no tempo, sem nenhum mecanismo de doença reconhecido. Portanto, senescência abrange as alterações pelas quais o corpo passa, decorrentes de processos fisiológicos, e que não caracterizam doença. Essa condição é comum a todos os elementos da mesma espécie, com variações biológicas. São exemplos de senescência: queda ou o embranquecimento dos cabelos, perda de flexibilidade da pele e aparecimento de rugas. “São fatores que podem incomodar algumas pessoas, mas nenhum deles provoca encurtamento da vida ou alteração funcional.”

SIGNIFICADO AFETIVO PARA O CIA:

A senescência está relacionada ao envelhecimento e traz alterações particulares dessa fase da vida, mas, para nós, ela tem outras nuances. Nós percebemos o aparecimento de rugas ou a fragilidade da pele não como uma alteração física comum à velhice. Tocando cada mão, acarinhando um cabelo branco ou ver um sorriso vazio de dentes é sentir essas alterações e criar afeto por elas. É entender que tudo isso são características de pessoas com quem mantemos um tipo de vínculo e que se tornam especiais.

SENILIDADE

“São condições que acometem o indivíduo no decorrer da vida baseadas em mecanismos fisiopatológicos. São, dessa forma, doenças que comprometem a qualidade de vida das pessoas, mas não são comuns a todas elas em uma mesma faixa etária. Assim, temos a perda hormonal no homem que impede a fertilidade, a osteoartrose, a depressão e o diabetes, entre outros comprometimentos. Todas essas circunstâncias não são normais da idade nem comuns a todos os idosos, por isso são caracterizadas como quadro de senilidade” (SBGG-SP, 2016).

SIGNIFICADO AFETIVO PARA O CIA:

A senilidade é o conjunto de condições decorrentes do processo de envelhecimento e surgimento de debilidades e patologias que devem ser acompanhadas por meio de diagnóstico. Isso significa que deve haver acompanhamento para se entender a doença adquirida por esses indivíduos e buscar, na arteterapia, formas de tornar a vida dessas pessoas mais poética, mais feliz e, por que não, ir promovendo curas pela arte e pelo carinho.

FONTE: SBGG-SP. Senescência e senilidade – qual a diferença? Digital. Website, 11 maio 2016. Disponível em <http://www.sbgg-sp.com.br/pub/senescencia-e-senilidade-qual-a-diferenca/>. Acesso em: 25 ago. 2020.

Gratidão



Acções socioassistenciais da Fundação Gorceix em 2019

Em 2019, a Fundação Gorceix desenvolveu quatro macroprogramas, divididos nas seguintes categorias:

- Programa Projetos e Benefícios Socioassistenciais permanentes e continuados.
- Programa Socioassistencial de Assessoramento em rede com outras instituições sociais.
- Programas de extensão, pesquisa, educação, cultura, patrimônio e cidadania.
- Programa de atendimento à Santa Casa de Misericórdia e ao Lar São Vicente de Paulo de Ouro Preto.

Os programas acima foram constituídos de um total de 44 projetos, conforme apresentado nas próximas páginas.



Programa Projetos e Benefícios Socioassistenciais, permanentes ou continuados, executados nas instalações da Fundação Gorceix em 2019 e concedidos aos alunos carentes da Escola de Minas da UFOP

Programa de atendimento e assistência continuada

1. Auxílio-alimentação
2. Bolsa-alimentação
3. Bolsa de suplementação educacional
4. Auxílio-saúde – médico e psicológico –
5. Auxílio-saúde – odontológico –
6. Bolsa de integração ao mercado de trabalho
7. Auxílio para capacitação profissional e complementação da formação educacional
8. Bolsa de estudos
9. Bolsa-estágio
10. Bolsas especiais
11. Cursos extracurriculares
12. Atendimento à área acadêmica
13. Apoio a eventos técnico-científicos
14. Apoio ao desenvolvimento acadêmico

Programa de complementação profissional realizado pelo Departamento de Treinamento Acadêmico e Profissional (DETAP) da Fundação Gorceix

1. Cursos de idiomas:
 - 1.1 Inglês
 - 1.2 Espanhol
 - 1.3 Francês
 - 1.4 Alemão
2. Comportamento empreendedor e marketing pessoal
3. Modelagem numérica de obras geotécnicas
4. Cursos de informática:
 - 4.1 MS Excel
 - 4.2 MS Excel avançado
 - 4.3 MS Project
 - 4.4 Minitab
 - 4.5 AutoCAD 2011
 - 4.6 AutoCAD avançado 3D
 - 4.7 Autodesk Revit Architecture
 - 4.8 Autodesk Revit Structural
 - 4.9 ArcGIS

Valor total aplicado nos programas ofertados em sede própria e com recursos próprios da Fundação Gorceix, em 2019

R\$4.541.123,⁷³

Programa Socioassistencial de Assessoramento – Programa Cia da Gente, desenvolvido nos municípios de Ouro Preto e Mariana

- 1 Memórias do Lar** – Assessoramento a instituições dedicadas ao serviço de proteção social especial para idosos.
- 2 Arte na Apae e Saltimbancos** – Destinados a crianças com deficiência.
- 3 Musicarte** – Destinado a pessoas com transtorno mental atendidas no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSI) de Ouro Preto.
- 4 Em que posso te ajudar?** – Dirigido a crianças e adolescentes da **Pastoral do Menor e do Adolescente de Ouro Preto**.
- 5 Em que posso te ajudar?** – Dirigido a crianças e adolescentes da **Comunidade da Figueira, em Mariana**.
- 6 Hospital de Histórias – O riso na caixa dos palhaços** – Dirigido aos pacientes da Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto.
- 7 Música e Interação** – Atendimento e promoção da cidadania. Destinado às crianças do coral **Canto da Gente**.
- 8 Violão para Todos: som, ritmo e sensibilidade** – Atendimento e promoção da cidadania. Destinado a crianças, adolescentes e adultos.

Valor aplicado no Programa Socioassistencial de Assessoramento – Projeto Cia da Gente, desenvolvido em Ouro Preto e Mariana, com recursos próprios da Fundação Gorceix, em 2019

R\$366.536,⁴⁵



Programas de extensão, pesquisa, educação, cultura, patrimônio e cidadania – Projetos dirigidos à comunidade ouro-pretana

Projeto 1

Oficina de ciência e cidadania

Executado na Biblioteca de Saramenha e no Centro Cultural do bairro Piedade.

Esse projeto propõe-se a desenvolver atividades educativas e culturais entre os moradores do bairro e arredores, de forma a estimular a leitura, o aprendizado e o exercício da ciência e da cidadania. O objetivo é suprir lacunas do aprendizado formal entre os alunos da região – minimizando os problemas de baixo desempenho escolar –, desenvolver o senso de cidadania e despertar a autoconfiança desses alunos na resolução de questões individuais e comunitárias.



Projeto 2

Educação e arte para crianças

O projeto visa despertar o sentimento de pertencimento à cidade de Ouro Preto (Patrimônio Cultural da Humanidade, conferido pela UNESCO em 1980) e a compreensão de sua relevância e conservação, além de estimular o gosto e a sensibilidade pela arte.



Projeto 3

Curso prático de obras

O projeto visa capacitar trabalhadores de baixa renda e escolaridade da área de construção civil da região de Ouro Preto, por meio de informações técnicas mais apuradas. A ideia é alcançar um trabalho de melhor qualidade, maior segurança e economia, além de esclarecer sobre a importância de respeitar e preservar o meio ambiente.



Projeto 4

Curso Pré-Universitário Humanista

O projeto tem abrangência em Ouro Preto e região e proporciona a jovens e adultos carentes da comunidade a possibilidade de preparar-se para o acesso ao ensino superior.





Projeto 5

Projeto ortopédico e ortodôntico
para crianças e adolescentes carentes
da cidade de Ouro Preto-MG

Executado pela Fundação Sorria, em parceria com a
Fundação Gorceix.



Antes do tratamento ortodôntico



Depois do tratamento ortodôntico

Valor aplicado nos
programas de extensão,
pesquisa, educação, cultura,
patrimônio e cidadania
– Projetos dirigidos à
comunidade ouro-pretana,
com recursos próprios
da Fundação Gorceix,
em 2019

R\$283.742,⁴¹



Programa de atendimento à Santa Casa de Misericórdia e ao Lar São Vicente de Paulo de Ouro Preto

Valor aplicado no programa
de atendimento à Santa Casa
e ao Lar São Vicente
de Paulo, com recursos
próprios da Fundação
Gorceix, em 2019

R\$94.129,⁹¹

Origem dos recursos financeiros

Os recursos financeiros da Fundação Gorceix são eminentemente privados, oriundos de pesquisas, análises e serviços prestados em seus laboratórios e departamentos especializados nas áreas de engenharia, com ênfase na área mineral.

A parceria com empresas privadas e os serviços prestados a elas e a empresas e órgãos públicos é que permitem as ações na área de assistência social, subsidiariamente às ações do estado.

Os números das ações socioassistenciais em 2019

Os números representam os recursos aplicados pela Fundação em atividades filantrópicas de assistência social, retirados dos balanços oficiais e publicados anualmente.

Os demonstrativos financeiros são auditados de acordo com as normas contábeis previstas, relativas às instituições do terceiro setor, observando-se rigorosamente as legislações e as normas contábeis nacionais.

Valor total aplicado nos
programas desenvolvidos
pela Fundação Gorceix,
com recursos próprios,
em 2019

R\$5.285.532,⁵⁰



Acções socioassistenciais da Fundação Gorceix em 2020

Em 2020, apesar de todas as adversidades apresentadas pela crise mundial de saúde, decorrente da pandemia instalada pela COVID-19, a Fundação Gorceix procurou se adaptar às novas exigências e regras fundamentais para a preservação da saúde de seus funcionários e colaboradores internos, assim como para o atendimento de seus beneficiários.



A instituição inovou e implantou um sistema de atendimento online para que fosse possível dar continuidade às suas atividades assistenciais. De forma eficiente, conseguiu manter seu padrão de atendimento continuado e, diante de todas as contingências apresentadas, criou novos projetos de apoio ao combate à COVID-19.

No exercício de 2020, a Fundação desenvolveu quatro macroprogramas, divididos nas seguintes categorias:

- Programa Projetos e Benefícios Socioassistenciais permanentes e continuados.
- Programa Socioassistencial de Assessoramento em rede com outras instituições sociais.
- Programas de extensão, pesquisa, educação, cultura, patrimônio e cidadania.
- Programa de prevenção à COVID-19.

Os programas acima foram constituídos de um total de 38 projetos, conforme apresentado nas próximas páginas.

Programa Projetos e Benefícios Socioassistenciais, permanentes ou continuados, executados nas instalações da Fundação Gorceix em 2020 e concedidos aos alunos carentes da Escola de Minas da UFOP

Programa de atendimento e assistência continuada

1. Auxílio-alimentação
2. Bolsa-alimentação
3. Bolsa de suplementação educacional
4. Auxílio-saúde – médico e psicológico –
5. Auxílio-saúde – odontológico –
6. Bolsa de integração ao mercado de trabalho
7. Auxílio para capacitação profissional e complementação da formação educacional
8. Bolsa de estudos
9. Bolsa-estágio
10. Bolsas especiais
11. Cursos extracurriculares
12. Atendimento à área acadêmica
13. Apoio a eventos técnico-científicos
14. Apoio ao desenvolvimento acadêmico

Programa de complementação profissional realizado pelo Departamento de Treinamento Acadêmico e Profissional (DETAP) da Fundação Gorceix

1. Cursos de idiomas:
 - 1.1 Inglês
 - 1.2 Espanhol
2. Cursos de informática:
 - 2.1 MS Excel
 - 2.2 MS Excel avançado
 - 2.3 MS Project
 - 2.4 Minitab
 - 2.5 AutoCAD 2011
 - 2.6 AutoCAD avançado 3D
 - 2.7 Autodesk Revit Architecture
 - 2.8 Autodesk Revit Structural
 - 2.9 ArcGIS

Valor total aplicado nos programas ofertados em sede própria, atendimento online e ensino a distância (EAD), com recursos próprios da Fundação Gorceix, em 2020

R\$3.828.899,49

Programa Socioassistencial de Assessoramento – Programa Cia da Gente, desenvolvido nos municípios de Ouro Preto e Mariana

1 **Memórias do Lar** – Assessoramento a instituições dedicadas ao serviço de proteção social especial para idosos.

2 **Arte na Apae** – Destinado a crianças com deficiência.

3 **Histórias e brincadeiras: caminho para a arte e educação** – Destinado a pessoas com transtorno mental atendidas no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) de Ouro Preto.

4 **Em que posso te ajudar?** – Dirigido a crianças e adolescentes da **Comunidade da Figueira, em Mariana**.

5 **Hospital de Histórias – O riso na caixa dos palhaços** – Dirigido aos pacientes da Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto.

6 **Música e Interação** – Atendimento e promoção da cidadania. Destinado às crianças do coral **Canto da Gente**.

7 **Violão para Todos: som, ritmo e sensibilidade** – Atendimento e promoção da cidadania. Destinado a crianças, adolescentes e adultos.

Programas de extensão, pesquisa, educação, cultura, patrimônio e cidadania – Projetos dirigidos à comunidade ouro-pretana

Projeto 1

Oficina de ciência e cidadania

Executado na Biblioteca de Saramenha e no Centro Cultural do bairro Piedade.

Esse projeto propõe-se a desenvolver atividades educativas e culturais entre os moradores do bairro e arredores, de forma a estimular a leitura, o aprendizado e o exercício da ciência e da cidadania. O objetivo é suprir lacunas do aprendizado formal entre os alunos da região – minimizando os problemas de baixo desempenho escolar –, desenvolver o senso de cidadania e despertar a autoconfiança desses alunos na resolução de questões individuais e comunitárias.



Projeto 3

Curso prático de obras

O projeto visa capacitar trabalhadores de baixa renda e escolaridade da área de construção civil da região de Ouro Preto, por meio de informações técnicas mais apuradas. A ideia é alcançar um trabalho de melhor qualidade, maior segurança e economia, além de esclarecer sobre a importância de respeitar e preservar o meio ambiente.



Projeto 2

Educação e arte para crianças

O projeto visa despertar o sentimento de pertencimento à cidade de Ouro Preto (Patrimônio Cultural da Humanidade, conferido pela UNESCO em 1980) e a compreensão de sua relevância e conservação, além de estimular o gosto e a sensibilidade pela arte.

Projeto 4

Curso Pré-Universitário Humanista

Curso ministrado de forma online (EAD) em 2020, em decorrência das medidas de segurança durante a pandemia da COVID-19.



Valor aplicado no Programa Socioassistencial de Assessoramento – Programa Cia da Gente, desenvolvido em Ouro Preto e Mariana, com recursos próprios da Fundação Gorceix, em 2020

R\$679.662,⁵²

Projeto 5

Projeto ortopédico e ortodôntico para crianças e adolescentes carentes da cidade de Ouro Preto-MG

Executado pela Fundação Sorria, em parceria com a Fundação Gorceix.



Programa de prevenção à Covid-19 Campanha “Ajude hoje quem te amparou ontem”

A campanha “Ajude hoje quem te amparou ontem” tem por finalidade a arrecadação de doações para assistência às entidades parceiras – como a Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto e a Sociedade São Vicente de Paulo –, bem como à população vulnerável de Ouro Preto e região para o enfrentamento da Covid-19.



Valor arrecadado com as doações em 2020 | **R\$48.313,²²**

Valor doado com recursos próprios da Fundação Gorceix em 2020 | **R\$381.060,¹⁶**

Valor total das doações em 2020 | **R\$429.373,³⁸**

Origem dos recursos financeiros

Os recursos financeiros da Fundação Gorceix são eminentemente privados.

Os números das ações socioassistenciais em 2020

Os números representam os recursos aplicados pela Fundação em atividades filantrópicas de assistência social, retirados dos balanços oficiais e publicados anualmente.

Os demonstrativos financeiros são auditados de acordo com as normas contábeis previstas, relativas às instituições do terceiro setor, observando-se rigorosamente as legislações e as normas contábeis nacionais.

Valor aplicado nos programas de extensão, pesquisa, educação, cultura, patrimônio e cidadania – Projetos dirigidos à comunidade ouro-pretana, com recursos próprios da Fundação Gorceix, em 2020 | **R\$330.396,³⁰**



Valor total aplicado nos programas desenvolvidos pela Fundação Gorceix, com recursos próprios, em 2020 | **R\$5.268.331,⁶⁹**



Expediente

Fundação Gorceix

Instituição de apoio aos estudantes carentes e à Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Fundada em 18 de abril de 1960.

Sede

Rua Carlos Walter Marinho
Campos, 57
Vila Itacolomy • CEP 35400-000
Ouro Preto • Minas Gerais • Brasil
Telefone 55 (31) 3559 7100
www.gorceix.org.br

Administração

Cristovam Paes de Oliveira
Presidente-executivo

Reinaldo Otávio Alves de Brito Pinheiro
Superintendente

Conselho Diretor

Armando Mauricio Max (Presidente)
Cyro Cunha Melo
Fernando Antonio Peixoto Villanova
João Marques Fernandes

Conselho Curador

Ana Luiza de Almeida Baragli
Antônio Daher Padovezi
Antônio Eymard Rigobello
Claret Rodrigues da Cunha
Cloves Otávio Nunes de Carvalho
Elmer Prata Salomão
Geraldo de Oliveira Lopes
Gilberto Dias Calaes
Guilherme de Oliveira Estrella
José Flávio Gouveia
Juvenil Tibúrcio Félix
Kepler Cavalcante Silva
Kleber Farias Pinto
Leonardo Barbosa Godefroid
Marcone Jamilson Freitas Souza
Marconi Tarbes Vianna
Orlando Euler de Castro
Ricardo Vescovi de Aragão
Roberto Lúcio Nunes de Carvalho
(Presidente)
Rogério Junqueira de Melo

Conselho Fiscal

Membros Efetivos

Antenor Rodrigues Barbosa Júnior
João Luiz Nogueira de Carvalho
Paulo Henrique Abreu Coelho
(Presidente)

Membros Suplentes

Adilson Rodrigues
André Barros Cota
Roberto Assis Nogueira

Conselho Consultivo

Adilson Rodrigues da Costa
André Barros Cota
Ângelo Oswaldo de Araújo Santos
Antônio João Martins Torres
Aperam South América
ARCELOR Mittal Aços Planos
Armando Mauricio Max
Arthur Pinto Chaves
Associação dos Antigos Alunos
da Escola de Minas - A3 EM
Ayrton Rocha
Carlos Bernardo Bracher
Carlos Eduardo Dutra Pires
Carlos Roberto Gonzalez
Celso Carvalho Magalhães
Clênio Afonso Guimarães
Companhia Brasileira de Alumínio (CBA)
Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)
Constantino Issa
Cyro Cunha Melo
Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM)
Eduardo Rodrigues Drummond
Emílio de Paula e Silva Abdu
Escola de Minas
Eurico Martins de Araújo
Fernando Leopoldo Von Kruger
Fernando Versiani dos Anjos

Fundação Gorceix

(Presidente do Conselho Curador)
Geraldo de Almeida Fonseca
Gilberto Carlos Nascimento Azevedo
Instituto do Patrimônio Histórico
e Artístico Nacional (IPHAN)
Jarbas Eustáquio Avellar
João Alberto Pratiní de Moraes
José Alberto Alves de Brito Pinheiro
João Batista Sabino
José Armando de Figueiredo Campos
José Arthur Penna
José Augusto da Silva
José Barros Cota
José Fernando Coura
José Luiz Amarante Araújo
Lauro César de Abreu
Leonardo Barbosa Godefroid
Luiz Carlos de Assis Moreira
Luís Fernando Loureiro Ribeiro
MAGNESITA
Márcio Rogério von Krüger
Marco Antônio Nunes de Carvalho
Marcos Tadeu Vaz de Melo
Maria de Lourdes Fortes Álvares da Silva
Maria Perpétuo Socorro Mol Pereira
Ministério da Educação (MEC)
NOVELIS S.A.
Paulo José Barros Rabelo
Paulo Roberto Magalhães Bastos
PETROBRAS S.A.
Prefeitura Municipal de Ouro Preto (PMOP)
Roberto de Assis Nogueira
Roberto Lopes Machado
Roberto Lúcio Nunes de Carvalho
Rubens Viana de Oliveira Júnior
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
USIMINAS Siderúrgicas de Minas Gerais
VALE S.A.
VALLOUREC Tubos do Brasil S.A.
VOTORANTIM Metais Zinco S.A. - CMM
Wagner Colombaroli

Representantes Corpo Docente EM

Alan Kardek Rêgo Segundo
José Fernando Miranda

Representantes Corpo Discente EM

Fabio Vardanega
(Representante do Curso de Engenharia de
Minas da Escola de Minas - UFOP)
Felipe Barros Dias (Representante
do Curso de Engenharia Civil)
Ivo Meira Costa
(Representante do Curso
de Engenharia Ambiental da Escola de Minas
- UFOP)
Marina Maria Araújo Fernandes Rezende
(Representante do Curso de Engenharia de
Produção da Escola de Minas - UFOP)
Maycon Fabriano Carvalho
(Representante do Curso de Arquitetura/
Urbanismo da Escola de Minas - UFOP)
Pedro Araújo de Menezes
(Representante do Curso de Engenharia de
Controle e Automação da Escola de Minas -
UFOP)
Rosemberg Trindade Magalhães de Freitas
(Representante do Curso de Engenharia
Metalúrgica da Escola de Minas-UFOP)

As opiniões emitidas nos artigos
assinados e publicados são de
responsabilidade dos autores.

Arquivo do Cia da Gente Arquivo da Fundação Gorceix Fotos

Divulgar Brasil Léia Rangel Áudiodescrição

Text Only Teká Leite Revisão

Pool Comunicação Uoster Zielinski

Projeto gráfico, editoração,
tratamento de imagens, roteiro,
montagem e edição de vídeos

A revista das ações socioassistenciais
da Fundação Gorceix foi impressa
usando os tipos gráficos
Vidaloka e Merriweather,
pela Formato Artes Gráficas,
sobre papel couché-fosco
210 g/m² na capa e 115 g/m² no miolo,
no 2º semestre de 2021.

Distribuição gratuita.



Há 15 anos, os alunos dos cursos de Artes Cênicas, Música e Pedagogia da **Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)** ampliam sua atuação extracurricular promovendo a melhoria da qualidade de vida da comunidade ouro-pretana por meio do projeto **Cia da Gente**.

Com sua pluralidade de ações, o projeto - criado e mantido pela **Fundação Gorceix** desde 2005 - tornou-se também um projeto de extensão da **UFOP**. As atividades do **Cia da Gente** transformam alunos em cidadãos conscientes e comprometidos com a sociedade, promovendo a arte e seus recursos lúdicos pelo viés da terapia e da promoção do bem-estar de pessoas em situação de vulnerabilidade da região.



f /ciadagente
@ /cia.dagente



OBRIGADO.



GOSTARÍAMOS DE AGRADECER A TODOS AQUELES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A CAMPANHA **AJUDE HOJE QUEM TE AMPAROU ONTEM**. ENQUANTO A CAMPANHA ESTEVE ATIVA, ARRECADAMOS MAIS DE R\$100.000,00, QUE FORAM CONVERTIDOS, INTEGRALMENTE, EM DOAÇÕES PARA INSTITUIÇÕES ASSISTENCIAIS DE OURO PRETO.

ACESSE O QR CODE ACIMA PARA SABER MAIS SOBRE OS DETALHES DAS DOAÇÕES E OS NOMES DOS DOADORES. COM O AVANÇO DA VACINAÇÃO, ENCERRAMOS NOSSA CAMPANHA EM SETEMBRO DE 2021. O SUCESSO DESSA INICIATIVA SÓ FOI POSSÍVEL GRAÇAS A VOCÊ, QUE SE SENSIBILIZOU COM A POPULAÇÃO DE OURO PRETO E REGIÃO EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE.

APOIO



ESCOLA DE MINAS



UFOP



INSTITUTO
FEDERAL
Minas Gerais
Campus
Ouro Preto

REALIZAÇÃO



Fundação
GORCEIX